

# O CRISTIANISMO ORIGINAL

Joel Stephen Williams

“Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho  
a todas as pessoas”.  
Marcos 16.15

Projeto Alcance  
São José dos Campos, SP  
Brasil

Copyright © 2014, Projeto Alcance. Todos os direitos reservados.

Primeira impressão, julho de 2014

Título original: *What Is Christianity?*

Tradução: Selma Menezes dos Santos Casado e Randal Matheny

Revisão: Jorge Santana dos Santos e Vicki Lynne Matheny

Projeto Alcance

Caixa Postal 2031

São José dos Campos, SP

12243-970 – Brasil

Email: [livros@alcanceweb.com](mailto:livros@alcanceweb.com)

Websites: [alcanceweb.com](http://alcanceweb.com) e [cristaos.org](http://cristaos.org)

Citações bíblicas são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional,  
copyright © 1993, 2000, pela International Bible Society.

Se você confessa sua fé em Cristo e é batizado nele, como resultado, em parte,  
de ler este livro, por favor, escreva para o autor no endereço acima e encoraje-  
o contando sua conversão a Cristo.

“... agradou a Deus salvar aqueles que creem  
por meio da loucura da pregação (*kerugmatos*)” (1Co 1.21).

“nós, porém, pregamos (*kerussomen*)  
a Cristo crucificado” (1Co 1.23).

“Mas não pregamos (*kerussomen*) a nós mesmos,  
mas a Jesus Cristo, o Senhor” (2Co 4.5).

## Sumário

1. O que é o cristianismo?, 7
2. A necessidade da salvação, 7
3. O Salvador vindo do céu, 10
4. O nascimento de Cristo, 11
5. A vida de Cristo, 12
6. Os ensinamentos de Cristo, 14
7. A perfeição de Jesus Cristo, 15
8. A expiação, 18
9. A ressurreição de Cristo, 20
10. Salvação pela graça, 22
11. Fé, 24
12. Arrependimento, 25
13. Obediência, 25
14. Livre arbítrio, 26
15. O batismo, 27
16. A vida em Cristo, 30
17. A igreja, 33
18. Serviço e evangelismo, 36
19. Adoração, 37
20. O futuro, 41
21. A Trindade, 45
22. O Espírito Santo e milagres, 46
23. As Escrituras Sagradas, 47
24. Resumo dos livros da Bíblia, 49
25. Conclusão, 51

## Abreviaturas

### Algumas Escrituras do Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Is	Isaías
Dt	Deuteronômio	Jr	Jeremias
Sl	Salmos	Ez	Ezequiel
Ec	Eclesiastes		

### As Escrituras do Novo Testamento

Mt	Mateus	1Tm	1 Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2 Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemon
At	Atos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1 Coríntios	1Pe	1 Pedro
2Co	2 Coríntios	2Pe	2 Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1 João
Ef	Efésios	2Jo	2 João
Fp	Filipenses	3Jo	3 João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1 Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2 Tessalonicenses		

### Outras abreviaturas

*BAGD* *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, University of Chicago Press, 1979.

*Léxico* *Léxico do Novo Testamento grego/português*, Edições Vida Nova, 1984.

*NTLH* Nova tradução na linguagem de hoje, Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

## Prefácio

O leitor está encorajado a obter ou um Novo Testamento ou uma Bíblia completa, a fim de ler todas as referências das Escrituras que foram feitas neste livro. Além da Bíblia, a única fonte que será citada será um dicionário grego, uma vez que o Novo Testamento foi escrito originalmente em grego: *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature* [Um léxico grego-inglês do Novo Testamento e outra literatura cristã antiga], por Walter Bauer, traduzida e editada por William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich, e Frederick W. Danker (Chicago, University of Chicago Press, 1979). Este trabalho será abreviado como *BAGD*.

Na presente edição em português, quando possível, citamos no lugar da obra de Bauer o *Léxico do Novo Testamento grego/português*, de F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, eds., Júlio P. T. Zabatiero, trad. (Edições Vida Nova, 1984), sendo este volume uma edição abreviada daquele. O volume em português é abreviado como *Léxico*.

## Introdução à edição em português

Esta cartilha de ensinamentos essenciais do cristianismo contém um número impressionante de referências bíblicas, umas 1.555, segundo contagem do autor. Elas representam o fundo pedagógico do livro e devem ser procuradas na Bíblia durante a leitura. O intento do livro é remeter o leitor às Escrituras e, para que nisso tenha êxito, é necessário verificar as referências.

Logicamente, é possível ler o livro como qualquer outro, sem demorar para consultar as referências bíblicas, e haverá grande proveito duma leitura dessa. Assim, porém, seria como comer um romeuejulietta sem o queijo.

O autor lança mão de um estilo informal, direcionando-se ao leitor como *você*. Mantivemos este estilo na tradução, com o intuito de transmitir o interesse do autor em cada pessoa que lê o livro.

Agradecemos ao autor o incentivo e o apoio financeiro para a publicação do livro no Brasil. O dr. Williams foi muito gentil ao nos dar liberdade para adequar o livro para o contexto brasileiro. Ficou evidente seu interesse em abençoar vidas com seu livro, ao invés de lucrar com ele.

Agradeço ao irmão Jorge Santana dos Santos, companheiro em muitas lutas e vitórias, as várias correções e sugestões, e à minha esposa Vicki Lynne Matheny a verificação das referências bíblicas.

Algumas partes do livro foram publicadas como artigos na revista eletrônica *Imo-Net*, publicada pelo Projeto Alcance ([alcanceweb.com](http://alcanceweb.com)).

Lançamos esta obra com a oração para que, por meio desta, Deus alcance muitas almas com a Boa Nova de seu Filho Jesus Cristo e que você, querido leitor, seja entre aqueles que ouvem e fazem toda a vontade do Senhor, para a alegria eterna.

— O editor

## 1. O que é o cristianismo?

O que é o cristianismo? O propósito deste livro é explicar o cristianismo a você em termos simples, mostrando-lhe como se tornar um cristão, e resumindo os ensinamentos em que você tem de acreditar e como deveria agir como um cristão. O cristianismo sobre o qual você lerá nas páginas seguintes é aquele conhecido e praticado na idade apostólica do primeiro século. Uma tentativa real será feita para documentar com precisão, das Escrituras Sagradas, todas as afirmações feitas acerca do cristianismo. O que se segue é um esforço de apresentar-lhe o cristianismo sem as tradições acrescentadas por homens e mulheres nos últimos 2.000 anos. Embora a maioria dessas tradições recentes seja inocente, algumas são errôneas e deveriam ser evitadas.

Muitas pessoas hoje estão confusas sobre o que é o cristianismo, realmente, porque elas o associam a tradições que obscurecem a verdade. Talvez você tenha sido preconceituoso contra o cristianismo no passado, porque fora desviado do caminho por uma forma inadequada, numa igreja ou nas vidas individuais de alguns indivíduos que se chamam de cristãos. Se isso é verdade no seu caso, por favor, leia este livro e julgue o cristianismo pelo projeto original do que deveria ser, e não como um esforço defeituoso de algumas pessoas que se dizem cristãs. Julgue o cristianismo pelo modelo, dado a nós no Novo Testamento, de como os cristãos e as igrejas devem ser. Aqueles que declaram ser cristãos podem não viver, adorar ou ensinar como deveriam, por uma série de razões. Talvez sejam ignorantes de toda a verdade. Talvez tenham sido enganados com ensinamentos falsos. Talvez sejam hipócritas. Provavelmente, são sinceros, mas cometeram alguns erros como todos os humanos fazem. Por favor, não rejeite o cristianismo por causa do fracasso de alguém que afirma ser cristão. Julgue o cristianismo em termos de Jesus Cristo. Você descobrirá que Jesus Cristo, o autor e fundador do cristianismo, de modo algum o decepcionará. Enquanto os seus seguidores cometem erros, ele não tem erro.

## 2. A necessidade da salvação

O cristianismo é o caminho que seguem aqueles que são chamados “cristãos” (At 11.26; 26.28; 1Pe 4.16). Um cristão é simplesmente um seguidor de Jesus de Nazaré, que é chamado o Cristo ou o Messias por aqueles que acreditam nele. Por que alguém deveria ser cristão? A resposta a essa pergunta é esta: precisamos da salvação dos nossos pecados. A fim de entender nossa necessidade da salvação dos pecados, vejamos primeiro o que significa ser uma pessoa humana responsável perante Deus.

Todos os seres humanos são mais que meras criaturas físicas como os animais. Temos algo dentro de nós que é chamado de “espírito” ou “alma”, que significa que somos criaturas espirituais (At 7.59; 1Co 2.11; 1Ts 5.23; Tg 2.26). No princípio Deus

## 8 A necessidade da salvação

criou tudo (Gn 1.1), mas ele criou o homem “à sua imagem” (Gn 1.26-27; Cl 3.10; Tg 3.9). Isso significa que Deus nos deu a capacidade de pensar e raciocinar. Temos a capacidade de compreender coisas espirituais e acreditar em um ser supremo que chamamos “Deus”. Somos capazes de saber o certo e o errado, sentir culpa, bem como entender aquelas coisas que são honrosas e nobres. Somos capazes de sentir uma sensação de temor quando meditamos a grandeza de Deus. Temos a capacidade de adorar e em todos os lugares do mundo, entre todas as raças e classes de pessoas, é universal o impulso de buscar adorar um ser superior. Somos capazes de viver uma vida mais nobre em imitação da santidade perfeita de Deus (Mt 5.48; Ef 4.21-23; 1Pe 1.14-16).

Quando o apóstolo Paulo pregava em Atenas, na Grécia, ele elogiou os atenienses por serem “muito religiosos” (At 17.22). Eles tinham altares e objetos para adorar muitos deuses diferentes. Para terem certeza de que não tinham esquecido de qualquer deus, tinham construído um altar “ao Deus desconhecido” (At 17.23). Paulo, então, informou aos atenienses sobre o único e verdadeiro Deus:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor do céu e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”, como disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele” (At 17.24-28).

Considerando que Deus é nosso criador, somos responsáveis perante ele (Is 43.7; Ap 4.11). Paulo falou aos atenienses que eles seriam julgados por Deus um dia: “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (At 17.30-31). Considerando que Deus colocou dentro de nós a capacidade de raciocinar e distinguir entre o bem e o mal, somos responsáveis perante ele. Paulo falou das pessoas que não tiveram nenhum mandamento de Deus; contudo, eles souberam “naturalmente o que a lei ordena” (Rm 2.14). Porque podemos discernir que Deus existe (Sl 19.1-6; Rm 1.19-20), e pelo fato de podermos saber entre o bem e o mal, temos de dar conta de nossos pensamentos, nossas ações e nossa vida perante Deus (At 10.42; Rm 2.16; 1Co 4.5).

A triste realidade é que todas as pessoas que amadureceram e vieram a saber a diferença entre o bom e mau já pecaram. O pecado é tudo o que está contrário à vontade de Deus. É “rebelião” (1Jo 3.4). “Toda injustiça é pecado” (1Jo 5.17). O bem

e o mal não são determinados arbitrariamente por Deus. Pelo contrário, tudo o que é semelhante a Deus é certo e tudo o que é dessemelhante a Deus é errado. Deus é amor. Então, ser desamoroso é pecado (1Jo 4.8, 16). A honestidade é correta, porque Deus nunca mente (Tt 1.2). Há muitas listas com vários tipos de pecado no Novo Testamento, que nos ajudam a entender o que o pecado envolve. Em Romanos, Paulo escreveu sobre os pecadores:

Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis (Rm 1.29-31).

Paulo também enumera algumas “obras da carne” ou pecados comuns: “imoralidade sexual, impureza e lascívia; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes” (Gl 5.19-21). Paulo enumera alguns exemplos daqueles que não herdarão um lar no céu, a menos que se arrependam e busquem a salvação: “nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus” (1Co 6.9-10; ver Cl 3.5-10; 1Tm 1.9-11; 2Tm 3.2-5; Tg 3.14-16; 1Pe 2.1-2).

Não podemos culpar os outros por nossos pecados. Nós pecamos porque cedemos à tentação (Tg 1.12-15). Embora Adão e Eva trouxessem o pecado ao mundo, nós nunca fomos forçados a pecar. Pecamos porque seguimos os exemplos de outros e porque desejamos fazer o que é mau. Foi assim que o pecado se espalhou por toda a humanidade (Rm 5.12). Da mesma maneira que todos os que seguem Cristo serão salvos, igualmente todos os que imitam Adão e o seguem no caminho do pecado estão perdidos (Rm 5.15-21). Algumas pessoas ensinam erroneamente que herdamos a natureza pecaminosa de Adão, e que somos todos culpados do pecado a partir do momento em que nascemos. A Bíblia ensina diferentemente. Cada pessoa é individualmente responsável perante Deus. As crianças não serão condenadas como culpadas pelos pecados de seus pais ou pelos pecados de Adão. Igualmente, os pais não serão condenados por Deus pelos pecados de seus filhos (Jr 31.29-30; Ez 18.1-20). Cada um de nós é, individualmente, responsável perante Deus.

Por sermos pecadores, e por Deus ser um Deus santo e perfeito, estamos separados dele (Is 59.1-2). Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden depois que pecaram (Gn 3.1-24). Igualmente, Deus nos julga quando somos culpados do pecado. Todos são culpados do pecado perante Deus, até mesmo as pessoas religiosas (Rm 3.9). Não há ninguém justo, nem sequer um (Rm 3.10). “Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23; ver 1Jo 1.8-10). O pagamento que todos merecemos pelos

## 10 A necessidade da salvação

ossos pecados é a morte: “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23; ver Gl 6.7-8). Nisto encontramos a nossa grande necessidade de salvação. Estamos perdidos, porque somos pecadores. Estamos impossibilitados de nos salvar. Somos impotentes (Rm 5.6). Se fizéssemos muito esforço, poderíamos pecar um pouco menos no futuro, mas ainda pecaremos. Além disso, estamos impossibilitados de pagar os pecados que já cometemos. Precisamos de salvação desesperadamente. Precisamos de um salvador!

### 3. O Salvador vindo do céu

Imagine um homem preso no fundo de um buraco profundo. Ele está impossibilitado de sair dele. Ele precisa de ajuda de fora ou de cima. Precisa que alguém lhe jogue uma corda ou uma escada de mão. Ele precisa de um salvador. A humanidade estava na mesma situação por causa de nossos pecados. Precisávamos de ajuda do céu, e nosso grande Deus nos proporcionou um salvador. Há um único Deus (Dt 6.4; Mc 12.29, 32; 1Co 8.4, 6; Ef 4.6; Tg 2.19), mas este Deus é conhecido por nós de três modos: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28.19; 2Co 13.14; Jo 15.26). Chamar Deus de “Pai” não quer dizer que Deus esteja casado ou que ele e uma esposa divina tivessem um filho. “O Pai” nos fala que Deus é como um pai enquanto nos guarda e nos cuida (Mt 6.8-9; 7.9-11). Jesus Cristo não é chamado o “Filho de Deus” porque Deus e uma esposa divina dessem à luz Jesus, ou porque o Pai seja mais velho que o Filho. Ele é chamado o “Filho de Deus” porque ele era submisso na sua relação para com Deus Pai, como qualquer filho deveria ser submisso ao pai dele (Jo 4.34; 5.30; 6.38). O Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos eternos e são todos divinos. Eles são Deus, não humanos.

Isso significa que nosso Salvador Jesus Cristo não começou a sua vida ou existência quando nasceu neste mundo. Ele já tinha vivido muito tempo antes de Abraão (Jo 8.58). Ele estava vivo antes do mundo ser criado (Jo 1.3; Cl 1.15-16; Hb 1.2). Isso é comumente chamado da preexistência de Cristo (Jo 3.13; 8.23; 17.5, 24; 18.37). Nosso Salvador Jesus Cristo é eterno. Ele sempre existiu e existirá (Ap 1.8, 17; 21.6; 22.13; Jo 1.1; Hb 13.8). Embora estivesse no céu onde multidões de anjos poderiam ter-lhe servido, ele veio voluntariamente para a terra para ser nosso salvador (2Co 8.9). Paulo explica as maravilhosas e boas notícias que fazem a história do cristianismo tão sem igual:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, o qual, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens (Fp 2.5-7).

A humanidade pecaminosa precisa de um salvador. Em vez de nos pedir o impossí-

vel, isto é, que paguemos pelos nossos próprios pecados, Deus enviou seu único Filho ao mundo para resolver por nós o problema do pecado (Jo 3.16). E é por isso que a mensagem cristã é chamada de “evangelho” (Mc 1.1; 16.15; Rm 1.16; Ef 1.13; 1Tm 1.11). A palavra “evangelho” significa “boas novas” (*Léxico* 87). São boas novas que nossa situação não é desesperadora. Deus nos enviou um salvador para nos salvar de nossos pecados. A salvação veio do céu na pessoa do Filho de Deus, Jesus Cristo.

#### 4. O nascimento de Cristo

Para que o Filho de Deus seja nosso salvador, Deus fez com que ocorresse um nascimento muito especial e miraculoso. Deus escolheu um bom homem judeu, José, e uma boa mulher judia, Maria, para serem os pais dessa criança especial. José e Maria eram desposados, que quer dizer que eram prometidos um ao outro e eram considerados marido e esposa, sem terem começado a viver juntos e sem terem consumado o matrimônio deles pelas relações sexuais (Mt 1.18-25). Maria ainda era uma virgem (Lc 1.26-34). Deus criou o menino Jesus miraculosamente no ventre de Maria pelo Espírito Santo (Mt 1.20; Lc 1.35). Desse modo, Jesus teve uma mãe humana, mas Deus era o seu pai (Gl 4.4; Rm 1.3; Lc 1.35). Isso é o que normalmente chamamos o “nascimento virginal” de Cristo.

O termo mais frequentemente usado para descrever esse processo é “encarnação”. Este termo quer dizer que o Filho de Deus se tornou um ser humano. O apóstolo João usou o título “a Palavra” para Jesus ao descrever a encarnação: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. (...) Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (Jo 1.1-2, 14; ver Rm 8.3; 1Tm 3.16; 1Jo 4.2; 2Jo 7). Para se tornar nosso salvador de modo completo, Cristo se tornou um de nós (Hb 2.14, 17).

Jesus Cristo é incomparável de muitas formas, e suas duas naturezas, a humana e a divina, combinadas em um ser, são muito importantes. Enquanto ele estava neste mundo, Jesus Cristo era, de fato, um ser humano. Ele descendeu e nasceu de seres humanos (Mt 1.1-17; Rm 1.3; 9.5). Passou pelo processo normal de crescimento e por toda a experiência humana. Ele era um bebê pequeno que cresceu até chegar a maioridade (Lc 2.40). Ele sentiu as necessidades físicas humanas normais por comida, água e descanso; teve até mesmo a necessidade de orar (Mt 4.2; 8.24; 14.23; Jo 4.5-7; 19.28). Como ser humano Jesus sentia emoções, como alegria, tristeza, ira, amor e compaixão (Mt 9.36; 26.37; Mc 3.5; 10.21; Lc 10.21; Jo 12.27; 15.11). Jesus até mesmo chorou (Jo 11.35) e foi tentado (Mt 4.1-11; Lc 4.1-13; Hb 4.15). Jesus sentiu a dor física e a experiência da morte como um humano (1Pe 3.18; 4.1). Sim, Jesus era muito humano.

Contudo, ao mesmo tempo, Jesus foi mesmo divino (Jo 10.30). Ele não era chamado apenas o “Senhor” e “Filho de Deus”, que são usados como títulos divinos (Jo

## 12 O nascimento de Cristo

10.25-33; Lc 2.11; Ap 4.8-11; 19.16), mas também era chamado até mesmo “Deus” (Jo 1.1; 20.28; e talvez Rm 9.5; Tt 2.13; Hb 1.8; 2Pe 1.1). Embora Jesus Cristo não usasse todos os poderes associados a Deus, ele possuía plenamente a Deidade ou Divindade (Cl 1.15, 19; 2.9). Jesus Cristo era o Deus-homem. Ele era, ao mesmo tempo, Deus e homem. Quando tintas negra e branca estão misturadas, o resultado é algo do meio, uma tinta cinzenta. Mas Jesus Cristo não era algo entre Deus e homem. Ele não era um anjo. Ele era, ao mesmo tempo, Deus e homem.

Por ser Jesus Cristo ao mesmo tempo Deus e homem, ele é o salvador perfeito. Ele pode representar perfeitamente ou pode mediar para ambas as partes na aliança entre Deus e homem (1Tm 2.5-6).

Como humano ele pôde pagar a dívida por nossos pecados. Como Deus, foi um sacrifício perfeito e digno para pagar nossos pecados. Estudaremos esse conceito adiante e discutiremos a expiação, mas é importante saber que tudo fazia parte do plano de Deus desde a criação do mundo (1Pe 1.20). Considerando que Jesus Cristo era ao mesmo tempo Deus e homem, ele entrou no mundo por meio de um nascimento sem igual com uma mãe humana e um Pai divino. Nosso salvador veio do céu e este salvador era o Filho de Deus. Como os pastores foram avisados: “Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador que é o Cristo, o Senhor” (Lc 2.11).

### 5. A vida de Cristo

Se você não sabe muito sobre a vida de Cristo, você deveria ler os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Estes quatro documentos narram o nascimento de Jesus (Mt 1.1–2.12; Lc 1.26–2.20) e um incidente quando ele teve 12 anos (Lc 2.41-52), mas a ênfase deles está nos últimos três ou quatro anos de vida de Jesus, período esse que abrange o seu ministério público. A partir dos 30 anos, Jesus pregou e ensinou as pessoas sobre a vontade de Deus. Ele atraiu muitos discípulos, e escolheu seguidores especiais, chamados de “apóstolos” que iriam proclamar a sua mensagem depois da sua partida do mundo.

Jesus realizou muitos milagres que são evidências de que Deus aprovou o que ele dizia e fazia (Jo 2.11; 5.36; 10.25, 37-38; 14.11; Lc 7.20-22; Mt 9.1-8; Hb 2.4). Somente alguns poucos dos milagres de Jesus foram narrados nos quatro Evangelhos, mas eles são “escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20.30-31). O que segue é uma lista dos milagres de Jesus nos quatro Evangelhos:

1. A transformação de água em vinho (Jo 2.1-11)
2. A cura do filho de um oficial militar (Jo 4.46-54)
3. Cura de um homem na sinagoga (Mc 1.23-26; Lc 4.33-35)
4. Cura da sogra de Pedro (Mt 8.14-15; Mc 1.30-31; Lc 4.38-39)
5. Primeira grande pescaria (Lc 5.1-11)

6. Cura de um leproso (Mt 8.2-4; Mc 1.40-42; Lc 5.12-13)
7. Cura de um paralítico (Mt 9.2-7; Mc 2.3-12; Lc 5.18-25)
8. Cura de um doente no Tanque de Betesda (Jo 5.1-9)
9. Cura de um homem com uma mão ressecada (Mt 12.10-13; Mc 3.1-5; Lc 6.6-10)
10. Cura do servo do centurião (Mt 8.5-13; Lc 7.1-10)
11. Ressurreição do filho de uma viúva (Lc 7.11-15)
12. Cura de dois homens cegos (Mt 9.27-31)
13. O acalmar a tempestade (Mt 8.23-27; Mc 4.37-41; Lc 8.22-25)
14. Cura de um homem possuído por demônio (Mt 8.28-34; Mc 5.1-15; Lc 8.27-35)
15. Cura de uma mulher de hemorragia (Mt 9.20-22; Mc 5.25-29; Lc 8.43-48)
16. Ressurreição da filha de Jairo (Mt 9.18-19, 23-25; Mc 5.22-24, 38-42; Lc 8.41-42, 49-56)
17. Cura de um homem mudo e possuído por demônio (Mt 9.32-33)
18. Alimentação miraculosa de 5.000 homens (Mt 14.15-21; Mc 6.35-44; Lc 9.12-17; Jo 6.5-13)
19. Andar sobre as águas (Mt 14.25; Mc 6.48-51; Jo 6.19-21)
20. Cura da filha de uma mulher cananeia (Mt 15.21-28; Mc 7.24-30)
21. Cura de um surdo-mudo (Mc 7.31-37)
22. Alimentação miraculosa de 4.000 (Mt 15.32-38; Mc 8.1-9)
23. Cura de um cego (Mc 8.22-26)
24. Cura de um menino possuído por demônio (Mt 17.14-18; Mc 9.17-27; Lc 9.38-43)
25. A moeda na boca do peixe (Mt 17.24-27)
26. Cura de um homem nascido cego (Jo 9.1-41)
27. Cura de um cego e mudo (Mt 12.22; Lc 11.14)
28. Cura de uma mulher aleijada (Lc 13.11-13)
29. Cura de um homem com hidropisia (Lc 14.1-4)
30. Ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-44)
31. Cura de dez leprosos (Lc 17.11-19)
32. Cura de dois cegos (Mt 20.29-34; Mc 10.46-52; Lc 18.35-43)
33. Maldição da figueira (Mt 21.18-22; Mc 11.12-14, 20-26)
34. Cura da orelha de Malco (Lc 22.50-51)
35. Segunda pescaria miraculosa (Jo 21.1-11)

Os quatro Evangelhos também narrram o batismo de Jesus (Mt 3.13-17; Mc 1.9-11; Lc 3.21-22). Jesus não foi batizado por causa de qualquer pecado pelo qual precisava de perdão. Foi batizado porque era a coisa certa a fazer para obedecer a Deus. Ele se identificou conosco para que pudesse ser nosso salvador. No seu batismo, a voz de

Deus do céu declarou: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mt 3.17). Os Evangelhos também narram certa tentação de Jesus depois do seu batismo (Mt 4.1-11; Lc 4.1-13). Um fato muito importante na vida de Jesus Cristo é a chamada “transfiguração” (Mt 17.1-8; Mc 9.2-10; Lc 9.28-36; 2Pe 1.16-18). Nesse evento Jesus foi transformado diante dos três apóstolos, Pedro, Tiago e João. Sua aparência se tornou de um branco resplandecente, provavelmente porque a sua divindade estava irradiando. A voz de Deus do céu declarou: “Este é o meu Filho amado. Ouçam-no!” (Mc 9.7). Perto do fim da vida de Jesus, lemos sobre sua entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21.1-11; Lc 19.28-40; Jo 12.12-19), sua purificação do templo (Mt 21.12-17; Mc 11.15-19; Lc 19.45-48) e sua prisão, julgamento, crucificação e ressurreição (Mt 26.36-28.10; Mc 14.32-16.18; Lc 22.39-24.49; Jo 18.1-21.14).

## 6. Os ensinamentos de Cristo

Os cristãos se referem a Jesus como o Professor Mestre. Até onde sabemos, Jesus não recebeu nenhuma educação formal (Jo 7.15); contudo, ele ensinou de modo tão notável que as pessoas ficaram admiradas (Jo 7.46). Jesus ensinou frequentemente usando parábolas ou histórias que tornaram o seu ensino muito interessante. Ele usou ilustrações cotidianas tiradas da vida das pessoas, para fazer aplicação dos seus ensinamentos. Em contraste com a maioria dos professores que falham em algum ponto para viver até o seu próprio ensino (Mt 23.3), Jesus praticou perfeitamente o que ensinou. Jesus ensinou com grande autoridade (Jo 3.34; 7.16; Mt 7.28-29). Não teve de citar várias autoridades humanas para provar o seu ensino. Simplesmente poderia declarar: “Eu digo a vocês” (Mt 5.22, 28, 32, 34, 39, 44). Jesus não só ensinou a verdade, ele era a verdade (Jo 14.6).

O modo de vida que Jesus nos ensinou a viver é um modo de vida que conduzirá a felicidade (Jo 10.10; Mt 5.3-12). Muitos psicólogos descobriram que suas instruções às pessoas para alcançar a felicidade são as mesmas que Jesus ensinou há muito tempo.

Algumas das parábolas de Jesus são notáveis por causa da sua beleza tenra e profundidade espiritual. Por exemplo, leia as três parábolas em Lucas 15: das ovelhas perdidas, das moedas perdidas e do filho perdido. Estas parábolas nos falam que Deus quer que nós, suas crianças perdidas, venhamos para casa e ele dará boas-vindas ao retornarmos.

Também leia a história do bom pastor em João 10. Alguns dos maiores ensinamentos de nosso Senhor Jesus têm sido colecionados juntos em seções longas no Evangelho de Mateus.

Leia as três seguintes seções dos ensinamentos de Jesus e você verá por que ele foi chamado corretamente de o Professor Mestre.

1. O sermão do monte (Mt 5.1–7.28)
2. Parábolas do reino (Mt 13.1-53)
3. Vida no reino (Mt 18.1-35)

O ensino ético ou moral de Cristo é o maior que o mundo já conhecia. O padrão ético que Jesus ensinou não era um mero código legal externo de regras e regulamentos. Ele chegou ao cerne da questão (Mt 23.1-28). O homicídio é errado, mas Jesus também nos ensinou a remover o ódio e a ira do nosso coração, porque podem levar ao ato do homicídio (Mt 5.21-26). O ato do adultério é errado, mas Jesus nos ensinou a evitar os maus desejos do coração (Mt 5.27-30).

Jesus nos ensinou a fazer boas ações, mas deveríamos fazê-las por motivos corretos (Mt 6.1-6, 16-18). Uma boa ação feita a partir de um motivo egoísta perde a essência de sua bondade.

Jesus ensinava muito sobre o “Reino de Deus” (Mc 1.14-15; Mt 13.1-53). Geralmente, o “Reino de Deus” refere-se ao reinado de Deus. Quando Jesus fala de herdar o reino, ele está se referindo à nossa recepção da recompensa do céu e da vida eterna (Mt 25.34).

Ao falar tanto do reino de Deus, Jesus encorajava as pessoas a se submeterem a Deus como rei e o a obedecê-lo em todas as coisas (Mt 6.10). Jesus também ressaltou o arrependimento, a humildade e o serviço aos outros (Mc 1.15; 9.35; 10.15; Lc 22.25-27).

Jesus focou muito fortemente o amor como uma chave para a vida correta. Por “amor” Jesus não pretende dizer simplesmente “sentir-se bem com alguém” ou “gostar de alguém”. O amor do qual falou significa buscar o que é melhor para outra pessoa de um modo altruísta. Ele disse que deveríamos amar até mesmo nossos inimigos (Mt 5.43-48). Qualquer um pode ser agradável a alguém que é agradável a ele, mas podemos ser amáveis ao inimigo? Jesus ensinou que seus discípulos devem “amar uns aos outros” (Jo 13.34; ver Jo 15.10; 1Jo 5.3; 2Jo 6). Ele ensinou que o amor é o dever supremo do homem:

Respondeu Jesus: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’” (Mt 22.37-39; ver Mc 12.29-31; Lc 10.27; Dt 6.5).

E Jesus nos deu o que foi chamado da “Lei Áurea” de vida: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam” (Mt 7.12; Lc 6.31). Sem dúvida Jesus tem as “palavras da vida” (Jo 6.68).

## 7. A perfeição de Jesus Cristo

As Escrituras falam de Jesus tendo sido “aperfeiçoado” (Hb 5.9). “Nele não há nenhum pecado” (1Jo 3.5). Como nosso cordeiro de sacrifício Jesus teve de ser sem defeito (Jo 1.29; Hb 9.14). O apóstolo Pedro disse: “Ele não cometeu pecado algum” (1Pe 2.22). O apóstolo Paulo escreveu: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado” (2Co 5.21). Jesus “passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado” (Hb 4.15). Jesus até ousou perguntar a seus oponentes: “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (Jo 8.46).

Certamente Jesus Cristo é o “Santo e Justo” (At 3.14). Jesus era sem pecado no lado negativo porque nunca fez qualquer coisa de errado e no lado positivo porque era bom e íntegro (At 10.38).

A evidência para a perfeição de Jesus foi bastante diversa. Não só veio de amigos simpatizantes que poderiam ter sido levados ao exagero, mas também veio de pessoas que eram bastante neutras em relação a Jesus.

O mais surpreendente de tudo: essa evidência veio até mesmo dos que não eram simpatizantes à sua causa. Veja na próxima página um resumo das evidências para a perfeição de Jesus.

O testemunho do próprio Jesus pode ser o mais valioso de todos. Quanto melhores as pessoas, mais elas tendem a estar atentas às menores faltas na sua vida. Quanto piores as pessoas são, mais tendem a minimizar seus pecados sérios.

No seu íntimo, Jesus não mostra evidência de que estava atento a qualquer pecado ou mal na sua vida. Sua afirmação de estar sem pecado era ou uma das mais arrogantes reivindicações jamais feitas por um ser humano, ou era a verdade. Jesus era um lunático, ou um mentiroso, ou o Senhor?

Todas as outras evidências tendem a confirmar a afirmação da perfeição de Jesus. Por isso, os cristãos acreditam que ele era perfeito e sem mácula. Veremos agora a grande importância da perfeição de Jesus ao examinarmos seu trabalho como um sacrifício de expiação pelos nossos pecados.

## A PERFEIÇÃO DE JESUS

### 1. Testemunhas simpatizantes

- A. Pedro. Lc 5.8; 1Pe 1.19; 2.22; 3.18; Jo 6.69; At 3.14
- B. João. 1Jo 2.1, 29; 3.5, 7; At 4.27
- C. Paulo. 2Co 5.21
- D. O autor de Hebreus. Hb 2.10; 4.15; 5.8-9; 7.26, 28; 9.14
- E. Estêvão. At 7.52
- F. Ananias. At 22.14
- G. Os primeiros cristãos. At 4.30
- H. O anjo Gabriel. Lc 1.35

### 2. Testemunhas antagônicas

- A. Líderes judeus. Mt 26.55-59; Mc 14.48-56; Lc 22.52-53; Jo 18.20-21
- B. Judas. Mt 27.4
- C. Os demônios. Mc 1.24; Lc 4.34

### 3. Testemunhas neutras

- A. Pilatos. Mt 27.18, 23-24; Mc 15.14; Lc 23.4, 14-15, 22; Jo 18.38; 19.4-6
- B. A esposa de Pilatos. Mt 27.19
- C. O ladrão na cruz. Lc 23.41
- D. O centurião. Lc 23.37

### 4. O próprio testemunho de Jesus

- A. Jo 8.46; 14.30; 15.25; 18.23
- B. A sua obediência perfeita. Jo 4.34; 5.30; 6.38; 7.18; 8.29, 55; 15.10; 17.4; Lc 22.42; Hb 10.5-7

## 8. A expiação

O termo “expiação” refere-se ao ato de cobrir os pecados, ato este realizado pela morte de Jesus na cruz. Se você ainda não leu sobre o terrível sofrimento e a morte de Jesus na cruz, por favor, faça a leitura de qualquer uma, ou mais, das passagens dos evangelhos: Mt 27.27-52; Mc 15.16-39; Lc 23.26-48; Jo 19.16-37. Deus estava preparando a humanidade para entender a expiação por meio dos vários sacrifícios que ele ordenara ao povo judaico durante a era mosaica (Rm 15.4; 1Co 10.6). Por exemplo, quando a morte ia levar o filho mais velho de cada família no Egito, ao povo de Israel era ordenado o sacrifício de um cordeiro perfeito. Eles deviam colocar o sangue do cordeiro ao redor da sua porta. As casas que tinham sangue na porta estavam protegidas da morte. Deus estava mostrando-nos dum modo simbólico o que revelaria muito depois. Podemos escapar da morte eterna por meio do sangue de Jesus.

Outra lição do Antigo Testamento da expiação vem por meio do Dia da Expiação dos judeus. Os judeus usaram duas cabras. Uma seria sacrificada e o sangue seria aspergido no templo. O sumo sacerdote colocaria suas mãos na outra cabra, às vezes chamada de bode expiatório. Ele confessaria os pecados do povo, simbolicamente transferindo seus pecados para a cabra inocente. Aquela cabra seria solta posteriormente no deserto. As pessoas entenderiam então que o seu pecado tinha sido removido. O sangue derramado junto com a morte era a forma de purificar-se dos pecados.

“De fato, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem o derramamento de sangue não há perdão” (Hb 9.22). Cristo é nosso sacrifício de expiação e é nosso bode expiatório que assume nossos pecados e os leva embora: “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados” (1Pe 2.24).

Os sacrifícios do Antigo Testamento, principalmente de animais, não eram para ser uma solução completa ao problema do pecado humano. Eles eram somente temporários, enquanto Deus estava se preparando para enviar seu Filho ao mundo (Gl 3.23-25; 4.4). Eles foram designados para ensinar obediência à humanidade e confiança nas promessas de Deus. Eles nos ensinam o conceito de sacrifício, de uma vida entregue para expiar por uma outra pessoa. O autor de Hebreus nos informa que “é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados” (Hb 10.4). Mas o sangue de Jesus é o sacrifício de sua vida inocente na cruz para tirar nossos pecados. Quando João, o Batizador, viu Jesus, declarou: “Este é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). Ao invés de oferecer como sacrifício um animal para os pecados do mundo, Jesus se ofereceu: “Se assim fosse, Jesus precisaria sofrer muitas vezes, desde o começo do mundo, mas agora ele apareceu uma vez por todas no fim dos tempos para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo” (Hb 9.26).

Outra grande lição da expiação do Antigo Testamento se encontra em Isaías 52.13 a 53.12, texto conhecido como uma das passagens do Servo sofredor. Essa passagem é aplicada a Jesus no Novo Testamento (At 8.32-35). Em Isaías 53, alguém que era o servo de Deus era inocente da mesma maneira que Jesus era sem pecado (Is 53.7-9). O sofrimento desse servo era bastante completo, assim como era o sofrimento de Jesus (Is 53.5, 8, 12). O sofrimento desse servo não era acidental, mas foi planejado por Deus, assim como foi o sofrimento de Jesus (Is 53.6, 10; At 2.23; 1Pe 1.20). O sofrimento desse servo era vicário, como era o sofrimento de Jesus (Is 53.4-6, 12; 2Co 5.21). Finalmente, o sofrimento desse servo foi vitorioso, como, novamente, era o sofrimento de Jesus (Is 53.11-12; Rm 8.37; 1Co 15.54-57). Na morte de Cristo ganhamos a vitória sobre os pecados, a morte e o diabo (Hb 2.14; Cl 2.14-15).

Jesus predisse sua morte nesses termos: “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados” (Mt 26.28). Paulo disse que a morte de Jesus era “um sacrifício (...) pelo seu sangue” (Rm 3.25). Pedro conta aos cristãos que eles tinham sido resgatados, quer dizer, comprados da escravidão dos pecados, “pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito” (1Pe 1.19). É pelo sangue de Jesus que ele comprou “para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9; ver Ef 1.7; 5.25; Mc 10.45; At 20.28; 1Co 6.19-20; 1Jo 1.7).

A morte de Jesus foi em prol de toda a humanidade. Algumas pessoas ensinam incorretamente que Jesus morreu somente para aqueles escolhidos por Deus para serem salvos. Dizem que a expiação é limitada, mas a Bíblia diz que Jesus morreu pelo mundo inteiro (Jo 1.29; 3.16-17; 4.42; 2Co 5.19; 1Jo 2.2; 4.14). Ele morreu por “todos” (2Co 5.14; 1Tm 2.6; Hb 2.9; Tt 2.11), até mesmo por pecadores (1Tm 1.15; Rm 5.6-8) e por aqueles uma vez salvos mas agora perdidos (2Pe 2.1). Isso é consistente com o caráter de Deus que quis salvar a todos (2Pe 3.9; 1Tm 2.4). Embora Jesus morresse por toda a humanidade, nem todos serão salvos. A expiação está disponível a todos, mas só alguns acreditarão e serão salvos (1Tm 4.10).

O meio principal pelo qual a morte de Jesus serve para expiar os nossos pecados é pela substituição. Jesus era sem pecado. Ele era perfeito, sem mácula nem ruga. Ele não mereceu sofrer e morrer. Embora ele não tenha merecido a morte, ele tomou nosso lugar e assumiu nossos pecados. Ele morreu por nós em nosso lugar. Ele nos restabeleceu à plena comunhão com Deus, removendo a separação entre nós e Deus, que foi causada pelos pecados (Is 59.1-2). Como Pedro explicou: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus” (1Pe 3.18). Paulo explica a expiação com detalhes:

De fato, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios. Dificilmente haverá alguém que morra por um justo; pelo homem bom talvez alguém tenha coragem de morrer. Mas Deus demonstra seu amor

por nós, pelo fato de Cristo ter morrido em nosso favor quando ainda éramos pecadores. Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda seremos salvos da ira de Deus por meio dele. Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida (Rm 5.6-10).

É por isso que Jesus Cristo é a única esperança da salvação para homens pecadores: “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu, não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12). Ninguém pode se aproximar do Pai a não ser por ele (Jo 14.6).

O salário do pecado é a morte (Rm 6.23), mas Deus não exigiu a morte de algum ser humano inocente contra sua própria vontade. Deus não disse aos homens: “Sacrifiquem um bebê recém-nascido por seus pecados”. Em vez disso, o Filho de Deus tornou-se um homem por meio da encarnação e o nascimento virginal de Cristo. O próprio Deus, na forma do Filho, viveu uma vida perfeita, sem pecado. O próprio Deus proveu o sacrifício pelos nossos pecados. O amor de Deus é demonstrado por meio da morte de Jesus na cruz (Jo 3.16; Rm 5.8; Ef 5.25). É por isso que os cristãos deram tanta ênfase na pregação da morte de Jesus na cruz (1Co 1.23; 2.2; 15.1-4; Gl 6.14). Como cristãos somos gratos pela grande dádiva de Deus ao dar-nos seu Filho. Sentimos tocados pelo amor de Deus, de forma que somos motivados e inspirados para viver uma vida mais nobre (Mc 8.34-37; 1Jo 4.19; 2Co 5.14-15; Jo 12.32; 15.13; Fp 3.10; 1Pe 2.21; Fp 2.5-8; Hb 12.1-3). Como cristãos não nos gabamos de nós mesmos nem pensamos que somos algo especial. Gabamo-nos e nos glorificamos nele por causa do que ele fez por nós (Gl 6.14; 2Co 4.5).

## 9. A ressurreição de Cristo

Depois da morte de Jesus na cruz, ele foi sepultado num túmulo com uma pedra grande cobrindo a entrada. Foram colocados soldados como guardas do lado de fora do túmulo. Na manhã do primeiro dia da semana, porém, Jesus voltou à vida e saiu daquele túmulo (Mt 28.1-15; Mc 16.1-18; Lc 24.1-49; Jo 20.1-29; Gl 1.1; Ef 1.20).

Não confunda os ensinamentos da ressurreição de Jesus com a reencarnação ou a transmigração de almas. Não nascemos inúmeras vezes em vários corpos onde vivemos vidas diferentes. Só vivemos e morremos uma vez (Hb 9.27). Depois disso seremos levantados da morte para ficar perante Deus em julgamento para aprender qual será o nosso destino eterno (Jo 5.29).

Há várias razões por que os cristãos acreditam que Jesus foi ressuscitado ou levantado para a vida. Seu túmulo estava vazio e o corpo não tinha sido roubado (At 2.29; Mt 2.13). Além disso, havia muitas testemunhas que viram Jesus vivo depois da res-

surreição (At 2.32; Jo 20.27-28; 1Co 15.4-7). A mudança notável que aconteceu na vida de muitas pessoas é explicada melhor pela ressurreição de Cristo. É por causa da ressurreição de Cristo que muitos acreditaram enquanto outros ganharam a coragem de pregar (Jo 7.5; At 1.14; 4.13-21; 5.42). A conversão notável de Saulo de Tarso, depois conhecido como o apóstolo Paulo, é explicada melhor pela ressurreição de Jesus Cristo (1Co 15.8-10; At 9.1-22; 22.1-16).

Devemos responder com fé à verdade da ressurreição de Jesus (Jo 20.27; Rm 10.9-10). Devemos ser batizados em imitação da morte, sepultamento e ressurreição de nosso Senhor (Rm 6.1-6; Cl 2.12; 1Pe 3.21). Devemos ser motivados a desejar adorar a Cristo, como resultado de sua ressurreição, já que ela prova que ele é o Senhor (Mt 28.9, 17; Rm 1.4; Jo 20.28). Devemos sentir grande alegria, porque sua ressurreição nos dá esperança (Mt 28.8; Jo 20.20; Rm 6.9). Sua ressurreição é a prova vinda de Deus que seremos levantados da morte no fim do mundo (Rm 8.29; 14.9; 1Co 15.20, 23, 51-54; Ef 2.6; Cl 1.18; 2Tm 1.10; Ap 1.5, 17-18).

Sem a ressurreição dele, estamos perdidos e tudo o que fazemos em seu nome é em vão (1Co 15.14-19). Foi pela morte e ressurreição de Jesus que Deus nos proveu a salvação (Rm 4.25; 1Pe 3.21). Se conhecemos Cristo e o poder da ressurreição, então podemos “alcançar a ressurreição dentro os mortos” e um lar no céu (Fp 3.10-11; ver Jo 14.19; Rm 8.11; 1Co 6.14; 2Co 4.14; 1Ts 4.14; 1Pe 1.3).

Da mesma forma que a igreja pregou muito sobre a cruz de Cristo, pregou muito também sobre a ressurreição de Cristo (At 2.24, 31; 4.2, 10; 5.30; 13.30-33, 37; 26.22-23).

De fato, essa é uma parte integral da missão da igreja, isto é, pregar a ressurreição de Jesus dos mortos (Lc 24.48; At 1.8; 2.32; 3.15; 4.33; 5.32; 10.39-41; 13.47; 1Co 11.26).

A ressurreição foi seguida pela ascensão de Jesus Cristo ao céu (Lc 24.50-53; At 1.6-11). A ascensão significou o fim das aparições de Jesus pós-ressurreição, e foi a ocasião de sua exaltação no céu por Deus Pai (At 2.32-36; 7.56; Cl 3.1-2; Hb 1.3; 8.1). Depois de falar da morte de Jesus na cruz, Paulo contou esta exaltação de Cristo:

Por isso Deus o exaltou à mais alta posição  
e lhe deu o nome  
que está acima de todo nome,  
para que ao nome de Jesus  
se dobre todo joelho,  
no céu e na terra e debaixo da terra,  
e toda língua confesse que  
Jesus Cristo é o Senhor,  
para a glória de Deus Pai.

Fp 2.9-11

Por causa de sua vida perfeita e a morte sacrificial, Deus levantou Cristo do sepulcro e lhe deu toda a autoridade no céu e na terra (Mt 28.18). Cristo foi feito cabeça da igreja (Ef 1.20-23; Cl 1.16-18; At 4.11; 1Pe 2.7; Mc 12.10). “Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como Príncipe e Salvador” (At 5.31). Isto significa que Jesus está vivo, em posição de autoridade suprema, e é capaz de interceder por nós no céu (Rm 8.34; Hb 1.3; 7.25; 8.11, 34; 1Jo 2.1). Cristo se tornou nada menos que o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (Lc 1.32-33; Ap 17.14; 19.16). Ao considerarmos a posição de Cristo no céu, à direita de Deus, devemos obedecer a Deus e fixar a nossa mente em coisas espirituais, em vez de coisas mundanas (Cl 3.1-2).

## 10. Salvação pela graça

Visto que merecemos a morte e o castigo pelos nossos pecados, a salvação tem de ser pela graça de Deus. “Graça” normalmente é definida como “favor não merecido”. Talvez a maior história que ilustra a graça é a história do filho pródigo (Lc 15.11-32). Esse filho tinha levado a sua herança e saído de casa. Desperdiçou o dinheiro, vivendo no pecado. Quando estava sem dinheiro e faminto, decidiu voltar para casa e possivelmente arrumar um trabalho como servo de seu pai. Ele não merecia ser tratado bem pelo pai, mas este lhe deu boas-vindas e o tratou mais uma vez como filho.

É impossível ganharmos ou merecermos a salvação. Não podemos pagar pelos nossos pecados; não podemos colocar Deus numa posição onde ele fique em débito conosco. Podemos trabalhar por Deus e podemos fazer boas ações, mas já temos por obrigação fazer o bem. Então, não há nenhum mérito especial nisto. Até mesmo se nós fôssemos bons, seríamos iguais ao servo numa das parábolas de Jesus: “apenas cumprimos o nosso dever” (Lc 17.10). Isto é o que a Bíblia quer dizer quando dizemos que não podemos ser salvos por obras (Gl 2.16). Se a salvação fosse através das obras, seria algo devido a nós, e já não poderia ser uma dádiva pela graça de Deus (Rm 4.1-8). Como Paulo disse: “Assim, hoje também há um remanescente escolhido pela graça. E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça” (Rm 11.5-6; ver 2Tm 1.9).

Para ser salvos devemos ser humildes. Se de alguma maneira pudéssemos nos salvar por nossos próprios esforços, não seríamos humildes, mas orgulhosos. Nós nos vangloriaríamos e gabaríamos do que fizemos para sermos salvos. É por isso que podemos ser salvos pela graça, para ninguém se vangloriar (Rm 3.27; Ef 2.8-9).

O apóstolo Paulo é um bom exemplo de alguém que teve razão para se gabar das habilidades humanas e realizações (2Co 11.1-12.13). Mas Paulo disse: “pela graça de Deus, sou o que sou” (1Co 15.10). Do que se gabou Paulo? Gabou-se do amor de Deus demonstrado em Jesus Cristo: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14). “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor” (1Co 1.31; ver 2Co 10.17).

A salvação vem de Deus como um presente gratuito, sendo concedida pela graça. Paulo disse que somos “justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24). “Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.23; ver 2Co 9.14-15; Ap 22.17). Se a salvação é gratuita, e se isto é um presente, significa que não precisamos fazer nada para ser salvos? Claro que não é verdade, e no decorrer deste livro vou compartilhar com você o que tem de fazer. Mas no momento vamos ver porque temos de fazer algo para a salvação, mesmo sendo um presente da graça de Deus.

Embora a salvação seja um presente, é necessário que a recebamos e a façamos efetiva em nossa vida. Somos salvos pela graça, mas a graça vem “por meio da fé” (Ef 2.8). Como veremos adiante, também temos de nos arrepender e obedecer a Deus se queremos ser salvos. O que na verdade nos salva? Nossa fé, ou a graça de Deus? Nossa obediência, ou a graça de Deus? Uma ilustração simples pode explicar esta aparente contradição. Suponha que seja meio-dia e você esteja com dois amigos num quarto com uma janela. Você pergunta a seus dois amigos por que há luz no quarto. Um dos amigos diz: “Porque há uma janela”. O outro amigo diz: “Há luz no quarto, porque o sol está brilhando lá fora”. Qual amigo está correto? Ambos estão. O sol é a fonte verdadeira da luz, mas a janela é necessária para que a luz do sol entre no quarto. O sol causa a luz, mas a luz passa “pela janela”.

Nossa salvação é do mesmo modo. Da mesma maneira que o sol causa a luz, quem de fato nos salva é Deus, Cristo, o Espírito Santo, o sangue de Jesus e a graça de Deus. Mas Deus não forçará a salvação em ninguém.

Temos de providenciar o ingrediente necessário pelo qual a graça de Deus entre em nossas vidas para nos salvar. Qual a janela pela qual a salvação de Deus alcança nossa alma? É a “fé” (Ef 2.8; Rm 5.1-2). É, como veremos, o arrependimento. É a obediência.

É também o batismo, o qual estudaremos em breve com mais detalhes. Não ganhamos ou merecemos qualquer coisa quando somos batizados. Isto somente significa o meio pelo qual Deus nos salva. Como Paulo escreveu: “não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.5; ver At 2.38; 22.16; 1Pe 3.21).

A salvação pela graça não é uma doutrina que pretende estancar esforços de nossa parte para ser bons e para viver uma vida santa. Não deveríamos ignorar a graça de Deus. Não devemos presumir que podemos pecar à vontade, com o perdão automático de Deus (Rm 6.1-2; 2Pe 2.17-22; Jd 4).

Concluimos esta seção sobre a graça com a declaração clássica de Paulo sobre esta doutrina: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).

## 11. Fé

Uma vez que somos salvos “por meio da fé” (Ef 2.8; Rm 1.16), é importantíssimo entender este conceito. Jesus disse: “Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados” (Jo 8.24; ver At 15.9). Temos de acreditar que Deus existe (Hb 11.6). Temos de acreditar que Jesus é o Filho de Deus (1Jo 5.1; Rm 10.9-10). Temos a promessa que, se crermos em Jesus, não pereceremos, mas teremos vida eterna (Jo 3.16, 18, 36; 6.35; 11.26; 20.30-31; At 10.43; 16.31). Somos justificados pela fé (Rm 3.24, 28; 5.1; Gl 2.16; 3.24). Considerando que a fé é tão crucial à salvação, o que é isto? A fé, ou a convicção, começa com conhecimento. Começa através de um consentimento mental a certas verdades. Paulo perguntou:

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue. E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: “Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!”

No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu em nossa mensagem?” Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo (Rm 10.14-17).

A fé então começa ouvindo falar de Deus e Jesus Cristo e concordando com certas verdades a respeito deles. Mas o tipo de fé que salva é muito mais que isso. Isto é só o ponto de partida. Por exemplo, posso acreditar que uma certa mulher é médica, que ela foi treinada, e que o seu diagnóstico da minha enfermidade está correto. Posso acreditar que o medicamento que ela receitou curará a enfermidade. Toda aquela convicção é em vão, porém, se eu não confiar na médica o bastante para tomar o remédio. Igualmente, uma fé que acredita somente que Deus existe, mas que nunca confia e obedece a Deus não é fé nenhuma. Como Tiago disse: “Até mesmo os demônios creem – e tremem” (Tg 2.19). Os demônios creem que Deus existe. Até têm medo do poder de Deus e tremem de medo, mas não obedecem Deus e, portanto, não serão salvos.

O tipo de fé que salva é a fé que inclui confiança. A fé salvadora é assumir um compromisso e agir no que se crê ser verdade. Note como isto é exemplificado por muitos grandes heróis da Bíblia (Hb 11.1-38). Se nossa fé é limitada ao consentimento mental, então, é fé morta que não nos salvará (Tg 2.14-26). Nossa fé deve ser ativa e trabalhadora (Gl 5.6). Algumas pessoas lhe falarão que tudo que você tem de fazer para se tornar um cristão é assinar uma pequena declaração em um livro que você acredita em Jesus como o Filho de Deus. Mas acreditar em Jesus ou ter fé nele significa muito mais que isso. Significa que você muda sua lealdade, suas prioridades e a direção de sua vida. Você tem de viver pela fé seguindo Jesus a cada dia e obedecendo-

o. “Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna; porém quem desobedece ao Filho nunca terá a vida eterna, mas sofrerá para sempre o castigo de Deus” (Jo 3.36 NTLH).

## 12. Arrependimento

O arrependimento foi uma parte chave da pregação de Jesus sobre o reino de Deus (Mt 3.2; 4.17; Mc 1.15; 6.12). Foi um elemento frequente na pregação da primeira igreja (At 2.38; 3.19; 26.20). Antes de Jesus subir aos céus, ele disse que “seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações” (Lc 24.47). Por ser universal o pecado, o arrependimento precisa ser universal. Paulo disse que Deus “ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (At 17.30).

O arrependimento é importante porque é uma parte essencial do que temos de fazer para sermos salvos (At 2.38; 3.19; 11.18). É por isso que Deus quer que todos se arrependam e, pacientemente, ele nos dá muitas oportunidades para fazê-lo (2Pe 3.9). Quando um pecador se arrepende, há alegria no céu (Lc 15. 7, 10).

O que é o arrependimento? A palavra grega para “arrependimento” significa “mudança de mente, remorso, virada, conversão, o início de uma nova vida religiosa e moral” (*BAGD* 512; *Léxico* 134). O arrependimento abrange a tristeza pelo pecado. Paulo disse: “A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não produz remorso” (2Co 7.10), mas muitas pessoas se confundem nesse ponto.

Há tipos diferentes de tristeza. Muitas pessoas têm remorso por terem sido apanhadas no pecado. Algumas pessoas estão tristes por terem sido punidas pelo seu pecado. Se nossa tristeza não vai além disso, não nos arrependemos. O arrependimento significa que estamos tristes o bastante para ter uma mudança de atitude. Significa que estamos tristes a ponto de assumir um compromisso para fazer melhor (Mt 21.28-31). Mudamos a direção de nossa vida.

Note na Bíblia a frequência com que as pessoas são incentivadas a agir de tal forma que outros saibam que tenham se arrependido (Mt 3.8; Lc 3.8; At 26.20). O arrependimento é fácil de definir, mas não tão fácil de praticar. É o ponto no qual paramos de viver para nós mesmos e começamos a obedecer a Deus.

## 13. Obediência

Se um rapaz diz ao pai que o ama, mas depois o desobedece, suas ações são inconsistentes com suas palavras de amor (Mt 21.28-31). A obediência a Cristo e a Deus não é opcional. Ela é essencial se vamos amar a Deus ou a Cristo. Não há nenhuma outra maneira de mostrar que você ama a Deus, a não ser pela obediência: “Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos” (1Jo 5.3; ver 1Jo 2.5; 2Jo 6). Jesus disse: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14.15; ver Jo 15.10). Purificamos nossas almas pela obediência à verdade (1Pe

1.22). A salvação é para aqueles que são obedientes (Hb 5.9; At 10.34-35). O julgamento de Deus estará sobre aqueles que não obedecem ao evangelho de Jesus Cristo (2Ts 1.7-9).

Não é suficiente apenas dizer que você acredita e declarar que segue o Senhor. Jesus disse: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21). Contudo, se você acha que a obediência a Deus é uma tarefa difícil demais, não se desanime. A obediência é absolutamente essencial para nossa salvação, mas não é um obstáculo insuperável para quem crê, verdadeiramente, e ama ao Senhor. João nos diz que “os seus mandamentos não são pesados” (1Jo 5.3). Quando você percebe o que Cristo fez por você, ao vir ao mundo e morrer na cruz, você vai *querer* obedecê-lo e pode fazê-lo com alegria.

## 14. Livre arbítrio

A salvação é uma dádiva gratuita, pela graça de Deus, mas ela é condicional. O evangelho é pregado, mas as pessoas têm de crer. O perdão é oferecido livremente, mas temos de nos arrepender. Deus é misericordioso, mas temos de ser obedientes. A salvação já foi paga pelo sacrifício expiator de Jesus Cristo, mas este é eficaz somente na vida daqueles que se rendem à vontade de Deus. Por toda a Bíblia, duas opções são dadas às pessoas: o caminho da vida e o caminho da morte (Dt 30.15; At 2.40). Cabe a nós escolher qual caminho a seguir. Podemos seguir a Jesus ou podemos rejeitá-lo (Jo 14.6; Mt 11.28-30). Deus nos dá numerosos incentivos para fazer o que é certo. Em contraste, ele torna vazia a vida pecaminosa, a fim de nos motivar a arrepender-nos, mas Deus não nos força a fazer o bem ou o mal.

O fato que somos ordenados a crer, arrepender-nos e obedecer significa que temos o livre arbítrio. Algumas pessoas ensinam, erradamente, que a humanidade não tem livre arbítrio e que todas as pessoas são predestinadas a obedecer a Deus ou a viver em rebelião pecaminosa. Algumas pessoas ensinam, erradamente, que Deus já predestinou cada pessoa a ser salva ou a ser perdida e que não temos nenhuma escolha para determinar nosso destino. Mas se Deus vai nos responsabilizar pelos nossos pecados, fará isso porque temos escolhido livremente a desobedecê-lo. A Bíblia ensina que podemos escolher entre o bem e o mal (Tg 4.17; Jo 7.17; At 13.46). Deus nos chama a uma vida de obediência, vida essa que resulta em salvação (1Ts 2.12; 1Tm 6.12; Hb 9.15; 1Pe 2.9). E este chamado ou apelo é oferecido por meio da pregação do evangelho (2Ts 2.14). Escolhemos responder ao seu chamado pelo arrependimento, que é uma mudança de mente, vontade e coração.

Deus não predeterminou se iremos crer e arrepender-nos. A Bíblia revela, sim, que Deus tomou certas decisões mesmo antes de criar o mundo. Deus decidiu que Cristo viria para o mundo para nos salvar do pecado (At 2.23; 1Pe 1.18-20). A Bíblia até fala

da predestinação, mas essa não envolve a escolha de uma pessoa específica para ser salva e outra para ser perdida. Não é uma predestinação individual, mas uma predestinação geral de certas classes ou tipos de indivíduos. Deus predestinou que aqueles que creem em Cristo e vivem um certo tipo de vida serão salvos (Rm 8.28-30; Ef 1.4-5, 11; 2Ts 2.13; 1Pe 1.2-3).

Compare a doutrina da predestinação a uma professora de escola. Se a professora decidisse quais alunos iriam passar na prova e quais iriam ser reprovados, sem lhes dar uma chance de estudar e fazer a prova, ela seria injusta. Se, porém, a professora decide que todos os alunos que tirem nota 7 a 10 vão passar e todos os que tirem nota abaixo de 7 vão ser reprovados, ela está sendo justa.

Deus decidiu antemão que todos os que creem em Cristo e vivem uma vida santa serão salvos. Aqueles que rejeitam Cristo e vivem uma vida de rebelião pecaminosa serão perdidos. Deus deixou para nosso livre arbítrio a escolha de qual tipo de vida que queremos viver.

## 15. O batismo

O batismo é muito importante porque marca o ponto em que a pessoa é iniciada na igreja. “Batismo” advém da palavra grega *baptisma* e o verbo “batizar-se” vem de *baptizo*. O batismo deve ser realizado submergindo ou imergindo uma pessoa completamente embaixo da água. A palavra grega para “batizar” significa “mergulhar, imergir” (*Léxico* 40). Estas palavras gregas não significam “aspergir” nem “derramar”.

Mesmo sem saber o significado das palavras gregas, pode-se saber que o batismo deve ser realizado submergindo ou mergulhando a pessoa na água. O batismo simboliza que uma pessoa está morrendo para o modo antigo da vida pelo arrependimento do pecado. Ao ser sepultado na água do batismo, o modo antigo é deixado para trás. Ao sair da água do batismo, levanta-se para um novo modo de vida. Deve-se agora seguir a Cristo como um cristão e viver em piedade e santidade (Rm 6.3-6; Cl 2.12).

Sabemos que o batismo era imersão na água no primeiro século, porque as pessoas iam a certos locais onde havia um fornecimento copioso de água (Jo 3.23; Mc 1.4-5; At 8.36). Se o batismo fosse aspersão, quem o administrava poderia ter carregado uma bolsa d’água. Não teria sido necessário levar o candidato para o batismo a um local onde havia muita água.

Algumas pessoas perguntam: “Mas que diferença faz um pouco d’água?” A questão não é a quantidade d’água. A questão é que devemos obedecer a Deus que nos ordenou a sermos imergidos. Além disso, a imersão é consistente com o simbolismo de estarmos morrendo para nosso modo antigo de viver, sendo sepultados e ressurgidos para viver uma nova vida.

Quem deve ser batizado? O batismo é para aqueles que creem e se arrependem

(Mc 16.16; At 2.38). O batismo é para aqueles que tomam a decisão de se tornar cristãos e de seguir Jesus. Bebês não têm idade para entender essas coisas. O batismo de um bebê, como fazem muitas igrejas erroneamente, pode ser uma cerimônia sentimental criada pela tradição humana, mas não é ordenado por Jesus nem pelos apóstolos. Um bebê não precisa ser batizado. Não tem pecado e é, portanto, inocente perante Deus (Mt 18.2-5; 19.13-15; Rm 9.11; 1Co 14.20; Dt 1.39). Bebês que morrem irão para o céu.

Algumas pessoas creem que Efésios 2.3 e Salmo 51.5 provem que crianças são pecaminosas ao nascer e têm de ser batizadas para livrar-se da culpa do pecado original herdado por Adão. Porém, quando Paulo escreveu que os cristãos efésios eram “por natureza filhos da ira” (Ef 2.3), ele não estava falando do período quando eram crianças ou bebês. A frase: “filhos de”, significa simplesmente que alguém possui uma determinada qualidade (Mc 3.17; Jo 12.36; At 4.36; 1Ts 5.5; Ef 2.2; 5.6, 8). Paulo estava falando a respeito dos cristãos efésios depois que se tornaram adultos. Eles seguiram o pecado. Portanto, estavam sob a ira de Deus. A frase “por natureza” não significa “por nascimento” (Gl 2.15; Rm 11.21, 24). Significa, sim, uma condição adquirida que se torna natural ou uma “segunda natureza” (1Co 11.14; Rm 2.14). Os efésios tinham adotado uma vida pecaminosa. A vida maligna tinha se tornado natural para eles. Foi algo que tinham escolhido pelo seu livre arbítrio. Ademais, Salmo 51.5 apenas ensina que Davi foi muito sensível ao pecado a partir de uma idade tenra, ao vir para um mundo pecaminoso (ver Is 48.8; 1Sm 20.30).

Um dos principais motivos porque os adultos são batizados é para receber o perdão dos seus pecados. Um bebê não precisa disso. O ato do batismo, por si só, não tem nenhuma capacidade de salvar. O que importa é o espírito de confiança e obediência no coração do batizando (1Pe 3.21). O batismo de um bebê, que não tem nenhuma idéia do que está ocorrendo, é inútil. Causará confusão mais tarde quando crescer. O batismo, portanto, é para aqueles com bastante idade para crer, confessar sua fé em Cristo, arrepender-se do pecado e ser capazes de tomar uma decisão de seguir Cristo (At 8.12, 36; 16.33; 18.8).

Por que uma pessoa deve ser batizada? Devemos ser batizados para obedecer a Deus e a Cristo (Mt 28.18-19), para receber o perdão dos nossos pecados (At 2.38), para ter nossos pecados lavados (At 22.16; Hb 10.22), para receber a habitação do Espírito Santo (At 2.38; 5.32; Rm 8.15; 2Co 1.22; 5.5; Gl 4.6; Ef 1.13-14), para ser salvos (Mc 16.15-16; 1Pe 3.21), para ser unidos com Cristo (Rm 6.3-6), para vestir-nos de Cristo (Gl 3.26-27), para tornarmos membros do corpo de Cristo, a igreja (Ef 1.22-23; At 2.41, 47), para nos tornarmos santos (Ef 5.25-27), e para nascer de novo e sermos renovados pelo Espírito Santo (Jo 3.5; Tt 3.5).

O ato do batismo em si, separado da fé e do arrependimento, não nos salva. Ações exteriores, por si só, não podem purificar a alma, ou espírito, duma pessoa (1Pe 3.21;

Jo 3.3-8). O batismo é eficaz porque colocamos a nossa fé em ação, confiamos em Deus e invocamos o seu nome (At 22.16; Rm 10.13). Pedimos a Deus por uma boa consciência (1Pe 3.21).

Da parte de Deus, o batismo é eficaz porque ele nos concede os benefícios do sacrifício do sangue de Jesus a esta altura (Rm 6.3-6). Recebemos no momento do batismo a esperança da ressurreição para a vida baseada na ressurreição de Jesus (1Pe 3.21). Pela história, o batismo tem sido reconhecido por cristãos fiéis como a linha divisória que separa os cristãos dos não cristãos, membros do corpo de Cristo dos que não são, e os salvos dos perdidos.

Antes de ser batizado, você pode ter uma medida de fé em Cristo e ser um seguidor dele até certo ponto, mas você ainda não se uniu com ele (Rm 6.3-6; Gl 3.27). O batismo é semelhante a uma cerimônia de casamento. Nele, você confessa sua fé em Cristo e afirma sua lealdade a ele (1Tm 6.12-13; 1Jo 4.2-3, 15; Mt 10.32-33; Lc 12.8-9; Rm 10.9-10). Antes do batismo, você ainda está fora de Cristo e não há nenhuma esperança fora dele ou separado dele (Ef 2.12).

Em Cristo, porém, você tem “todas as bênçãos espirituais” (Ef 1.3), a salvação (2Tm 2.10) e o perdão dos pecados (Ef 1.7; Cl 1.4). O batismo é o momento em que Deus o transfere do estado fora de Cristo para estar dentro de Cristo. É o momento de entrada em Cristo (Rm 6.3; Gl 3.27).

O batismo é para aqueles que creem em Cristo (Mc 16.16), que se arrependem dos seus pecados (At 2.38) e que se comprometem a viver como cristãos (1Pe 3.21). Se você crê em Jesus Cristo como o Filho de Deus, você deve receber o batismo para se tornar um cristão e fazer parte da igreja dele. Como se faz isso? Você deve procurar uma pessoa que aceite fazer o seu batismo como imersão. Se se pede que você aceite algum credo além da Bíblia, deve sair e procurar outra pessoa para batizá-lo. Se alguém lhe diz que o batismo é apenas uma cerimônia simbólica e que nada tem a ver com a salvação, não acredite nele. Volte à sua Bíblia e creia nela (At 2.38; 22.16; Mc 16.16; 1Pe 3.21).

A Bíblia não nos informa de como fazer exatamente um batismo nem quais palavras devem ser usadas, mas a seguinte abordagem seria apropriada, reverente e agradável a Deus. Poderia começar oferecendo uma oração, confessando a Deus que é pecador, pedindo-lhe a aceitar você como cristão, confessando que crê em Jesus e comprometendo-se a seguir a verdade por toda a vida. Você e a pessoa que irá batizá-lo podem entrar na água do mar, de um rio, de uma piscina ou de uma pequena lagoa.

A pessoa administrando o batismo pode dizer algumas palavras como estas: “Pela sua confissão de fé em Jesus como o Filho de Deus, eu o batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para o perdão dos seus pecados” (Mt 28.19; At 2.38). Quem administra o batismo pode depois inclinar seu corpo para frente ou para trás, até que

seu corpo inteiro fique submerso na água, momentaneamente. Ao sair você da água, seria um momento apropriado para orar novamente a Deus. Você poderia agradecer-lhe o envio de Jesus como seu Salvador e o perdão de seus pecados e pedir-lhe que o ajude a crescer e se amadurecer como cristão.

Uma vez batizado, você é um filho recém-nascido de Deus (1Pe 2.2). O Espírito Santo veio para seu coração para santificá-lo, isto é, para fazê-lo santo (1Co 6.11; Ef 5.25-27; 1Co 3.16-17; 6.19-20). Você agora faz parte da igreja pela qual Cristo morreu (Mt 16.18; At 20.28). Seu nome foi registrado no livro da vida, isto é, o livro de reservas para um lar no céu (Ap 20.15). Seus pecados foram lavados (At 22.16).

Isto não quer dizer que você nunca mais cometerá outro erro (Rm 7.15-25). Virá ainda a tentação. Mas agora que é um cristão, não precisa ser batizado cada vez que comete pecado. Quando você peca, deve se arrepender e orar a Deus, para que ele o perdoe daquele pecado (1Jo 1.6-10). Você também precisa encontrar uma igreja fiel à Bíblia, para que possa adorar a Deus com outros cristãos e ser encorajado por eles. Agora que é um cristão, você deve agir como cristão, assunto dos próximos capítulos.

## 16. A vida em Cristo

Uma vez que você se torna cristão, deve continuar a viver de forma que agrada ao Senhor. Se você abandonar a Cristo e começar novamente a viver de modo ímpio, poderá perder a sua salvação. Algumas pessoas ensinam erradamente que uma vez que você é salvo, sempre estará salvo, não importa o que faz no futuro. Este ensino, porém, é contrário ao que está escrito na Bíblia (1Co 9.27; 10.5-12; Gl 5.1-4; 1Tm 4.1, 16; 2Tm 4.10; Hb 3.12; 6.4-8; Tg 5.19-20; 2Pe 2.20-22; Ap 2.4-5; Lc 8.11-15; Jo 15.1-14).

Se não pudéssemos perder a nossa salvação depois de recebê-la, haveria menos motivação para viver uma vida piedosa. A graça de Deus apareceu não apenas para nos salvar, mas também para mudar nossas vidas para melhor. Como escreveu Paulo: "Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente" (Tt 2.11-12).

Então, depois de se tornar cristão, como se deve viver? Muitas vezes no primeiro século os próprios cristãos diziam pertencer a "O Caminho" (At 9.2; 19.9, 23; 22.4; 24.14, 22). A palavra "caminho" simplesmente significa uma estrada, mas metaforicamente significa "um modo de vida, maneira de agir, conduta" (*BAGD* 553-555; *Léxico* 143). Jesus disse que ele era "o caminho" (Jo 14.6), isto é, o meio pelo qual podemos chegar ao céu. Seguimos "o caminho" imitando Jesus em nossas vidas. Frequentemente, no ensino cristão dos primeiros tempos, dois caminhos foram descritos. Há um caminho que devemos viver e há um caminho que não devemos viver. Há a maneira certa e a maneira errada, o caminho da virtude e o caminho do

mal; o caminho que leva à vida e o caminho que leva à morte; o caminho do Espírito e o caminho da carne. A vida cristã é “o caminho da justiça” (2Pe 2.21; ver Mt 7.13-14; Lc 13.23-24).

Se a vida cristã é um “caminho”, como uma estrada, então, viver a vida cristã é como “andar” naquela estrada. A Bíblia usa frequentemente o termo “andar” para descrever a vida cristã (*Léxico* 164). O apóstolo João a resumiu bem: “Destas forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou” (1Jo 2.5-6).

Do lado negativo, não devemos andar conforme a carne, no pecado ou nas trevas (Rm 8.4; Ef 2.1-2; 4.17; Cl 3.5-7; 2Ts 3.6, 11; 1Jo 1.6; 2.11). Do lado positivo, devemos andar segundo o Espírito, na luz ou na verdade (Rm 8.4; 2Co 5.7; Gl 5.16; Ef 2.10; 4.1; 5.2, 8, 15; Cl 1.10; 2.6; 4.5; 1Ts 2.12; 1Jo 1.7; 2Jo 4, 6; 3Jo 3, 4).

Um termo semelhante é a palavra para “modo de vida, estilo de vida, conduta, comportamento” (*Léxico* 22). Os cristãos devem abandonar suas vidas pecaminosas anteriores (Ef 4.22) e viver uma vida piedosa em Cristo Jesus (1Tm 4.12; Tg 3.13; 1Pe 1.15; 2.12; 3.1-2, 16; 2Pe 3.11). Paulo instrui a igreja em Éfeso: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos” (Ef 4.22; ver Cl 3.5-9). Ao invés disso, os cristãos devem “revestir-se do novo homem (...) em justiça e em santidade” (Ef 4.24; ver Cl 3.10). Fica claro que há um estilo de vida específico que você deve seguir como cristão.

Como podemos definir o modo cristão de vida? O padrão não é um conjunto de regras como os dez mandamentos do Antigo Testamento. As regras devem nos apontar uma autoridade maior que lhes dá validade. Ao mesmo tempo que existem muitas instruções específicas de como devemos ou não devemos agir como cristãos, o padrão verdadeiro é o próprio Deus.

Alguns comportamentos são bons porque são consistentes com a maneira que Deus age. Outros comportamentos são maus porque Deus não agiria desta forma. Paulo disse que nossa “nova pessoa” como cristão deve ser “semelhante a Deus” ou “à imagem do seu Criador” (Ef 4.24; Cl 3.10). Ele nos exorta a ser “imitadores de Deus” (Ef 5.1).

Jesus também disse que Deus é o padrão para nossas vidas: “Sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês” (Mt 5.48). “Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6.36).

Pedro declarou: “Mas assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’” (1Pe 1.15-16).

Cristo é também um exemplo perfeito para nós (Fp 2.5; 1Pe 2.21-24; 1Co 11.1). Como o próprio Deus é o padrão, nosso alvo de imitá-lo também é altivo. Mesmo nunca podendo fazê-lo perfeitamente, viveremos melhor tentando ser tão perfeitos e

santos como Deus. O exemplo de Deus deve nos encorajar grandemente para fazer progresso espiritual e moral na santidade e, por ser a perfeição impossível pelo esforço humano, para depender cada vez mais da graça e amor sustentador do Senhor.

Uma palavra grega interessante no Novo Testamento é geralmente traduzida “digno”. Ela significa “correspondente” ou “comparável” (*BAGD* 78; *Léxico* 26). Em vários versículos no Novo Testamento somos exortados a viver uma vida “digna” de alguma coisa. Isto significa que nossas vidas devem se corresponder àquela coisa, devem se comparar ou ser iguais a ela. Devemos viver “dignos do evangelho de Cristo” (Fp 1.27), “dignos de Deus” (1Ts 2.12) e “dignos do Senhor, agradando-lhe em tudo” (Cl 1.10). Os cristãos devem viver “de maneira digna da vocação que receberam” (Ef 4.1).

Qual é nossa vocação? “Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade” (1Ts 4.7; ver 1Tm 4.9; Ef 1.4). Ele nos chamou “das trevas para sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Deus nos chama “filhos de Deus” (1Jo 3.1). Deus nos chamou para sermos santos (Rm 1.7; 1Co 1.2). “Santos” não são alguns poucos indivíduos muito bons que o papa tem canonizado. Todo cristão é um santo. A palavra “santo” significa “santo, puro, separado por Deus e para ele”. Somos santificados, isto é, tornados santos, no batismo (1Co 6.11; Ef 5.25-27). Deus nos chamou para sermos santos e devemos agir como santos.

O coração da vida cristã é o amor (1Co 13.1-3, 13). Paulo escreveu: “Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros, pois aquele que ama a seu próximo tem cumprido a Lei” (Rm 13.8). “Toda a lei se resume num só mandamento: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’” (Gl 5.14; ver Tg 2.8; Mt 22.36-40). Paulo nos dá uma descrição detalhada de como uma pessoa amorosa age (1Co 13.4-7). O próprio Cristo é o padrão de como devemos amar (Ef 5.2, 25; 1Jo 3.23). Devemos amar “como” ele amou (Jo 13.34; 15.9-12).

Uma razão por que o amor é tão importante na vida cristã é que agimos, exteriormente, baseados no que somos no interior (Mt 12.33-35; 15.18-19; 23.25-26; Lc 6.43-44). Para sermos realmente bons, temos de mudar o coração e as atitudes (Rm 12.1-2; Sl 51.10; 119.36; 2Co 10.5; Ef 4.22-23). Nossa pessoa interior tem de tornar-se pura e amorosa, para que as ações exteriores sejam boas. Na vida cristã, precisamos evitar tanto as obras pecaminosas exteriores e também os pecados interiores de um coração maligno.

Muitas outras qualidades positivas ou virtudes fazem parte da vida cristã, tais como a humildade, altruísmo, paciência, fazer bem aos outros, devoção a Deus, compaixão e uma atitude de perdão (Ef 4.32). Faça você uma lista das boas qualidades que deve adquirir na sua vida, usando as seguintes passagens: Mt 5.3-9; Gl 5.22-23; Cl 3.12-17; 1Tm 6.11; Tg 3.13, 17-18; 2Pe 1.5-7. Quando você termina sua lista de boas qualidades, compare-a com os vícios ou más qualidades que deve evitar, baseando-se nas

seguintes passagens: Rm 1.29-31; 1Co 6.9-10; Gl 5.19-21; Cl 3.5-10; 1Tm 1.9-11; 2Tm 3.2-5; Tg 3.14-16; 1Pe 2.1-2.

A melhor maneira de aprender sobre a vida cristã é ler grandes porções do Novo Testamento que tratam desse assunto. Muitas destas porções compõem aproximadamente a segunda metade de várias cartas do Novo Testamento. A primeira metade é ensino ou doutrina que explica a base religiosa por que devemos viver de um certo modo. A segunda metade delas nos explica como nossa fé cristã deve ser praticada na vida (ver, por exemplo, Tt 2.1).

Estude as seguintes porções da Escritura de como viver a vida cristã. A Bíblia ensina sobre a vida familiar, negócios, seu relacionamento com o governo, integridade pessoal, ética sexual e muito mais coisas (Mt 5.1-7.28; 18.1-35; Rm 12.1-14; Ef 4.17-6.20; Cl 3.1-4.6; 1Ts 4.1-12; Tt 2.1-11; Hb 12.1-13.9; Tg 1.2-5.20; 1Pe 2.11-5.11). Como cristão, treine-se pessoalmente “na piedade” (1Tm 4.7). “Busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão” (1Tm 6.11).

## 17. A igreja

A palavra grega para “igreja” significa “assembleia, reunião, congregação”, ou a “igreja” (*Léxico* 67). Quando você pensa na igreja, não a confunda com um prédio. A igreja pode possuir ou alugar um prédio ou outra propriedade, mas a igreja consiste nas pessoas salvas por Jesus. Quando você pensa na igreja, não a confunda com uma organização religiosa, hierarquia, bispos ou estrutura denominacional. Novamente, a igreja se refere às pessoas que têm sido salvas e não a uma organização ou instituição. Mesmo antes de o Novo Testamento ter sido escrito, os judeus haviam traduzido as Escrituras do Antigo Testamento para a língua grega há uns dois séculos antes de Cristo nascer. Nestas, usaram com bastante frequência o termo “igreja”, referindo-se ao povo de Deus, Israel. Da mesma forma, no Novo Testamento a igreja é o povo de Deus.

A palavra “igreja” pode se referir em termos globais à igreja como consistindo de todos os cristãos no mundo. Foi isso que Jesus queria dizer quando declarou: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). Ou “igreja” pode se referir a uma congregação num determinado local, como a igreja em Corinto (1Co 1.2). “Igreja” também pode ser usada para os cristãos que se reúnem para adoração (1Co 11.18; 14.19).

A igreja é chamada por muitos termos descritivos na Bíblia. Não lhe é dada nenhum nome único no Novo Testamento, pelo qual ela deva ser chamada. O nome de uma congregação pode nos ajudar a localizá-la, pela inclusão do nome de uma cidade, rua ou outro local. Esse é o método usado no Novo Testamento quando se refere à “igreja em Jerusalém” ou em outra cidade (At 8.1; 11.22; ver Rm 16.1; 1Co 1.2; 2Co 1.1; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1), ou às “igrejas da Galácia” (Gl 1.2; ver Gl 1.22; 1Ts 2.14; 1Co

16.1, 19; Ap 1.4). Quanto ao local, é, às vezes, até bem específico, como “a igreja” que se reúne na casa de alguém (Rm 16.5; 1Co 16.19; Fm 2).[[

Outro princípio evidente nas descrições no Novo Testamento para a igreja é que tendem a dar glória a Deus ou a Cristo, e não a um ser humano como Pedro, Paulo, Maria ou João (1Co 1.10-17). Assim, a igreja é conhecida como a “casa de Deus” (1Tm 3.15), a “igreja de Deus” (1Co 1.2; 10.32; 11.16, 22; 15.9; 2Co 1.1; Gl 1.13; 1Ts 2.14; 2Ts 1.4; 1Tm 3.5; At 20.28), a “igreja do Deus vivo” (1Tm 3.15), a “igreja do Senhor” (At 20.28, alguns manuscritos), as “igrejas de Cristo” (Rm 16.16) ou a “igreja em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1.1). Em vez de usar um nome que ressalta alguma doutrina distinta ou um nome humano, uma prática melhor seria usar nomes que dão glória e louvor a Deus e a Cristo. Afinal, a igreja pertence a eles.

A natureza da igreja é ilustrada nas muitas metáforas usadas para descrevê-la. A igreja é comparada a uma construção ou a uma casa (1Co 3.9; Hb 3.6; 1Tm 3.15). A igreja é o “templo de Deus”, porque Deus habita em nós individual e coletivamente (1Co 3.16-17; 6.19-20). Este templo, ou edificação, não é feito com tijolos ou pedras, mas de seres humanos que são “pedras vivas” (1Pe 2.5). A igreja é o “corpo de Cristo” e ele é a “cabeça” do corpo (Ef 1.22-23; 4.4, 15-16; Cl 1.18, 24). Para mudar ligeiramente a metáfora, a igreja é considerada como um corpo no sentido de que cada um de nós tem talentos diferentes e somos dependentes, mutuamente, uns dos outros (Rm 12.4-8; 1Co 12.14-26). A metáfora do corpo ressalta nossa comunhão uns com os outros, bem como a metáfora da família (Mt 12.49-50; Ef 2.19; 2Co 6.18; 1Tm 5.1-2). Devemos compartilhar as alegrias e as tristezas dos outros cristãos (Rm 12.15; 1Co 12.26; Gl 6.2, 10). A igreja é uma “comunhão” em muitos sentidos (At 2.42; 1Co 1.9; Gl 2.9; Ef 3.9; Fp 3.10; 1Jo 1.3, 6-7). A igreja é a noiva de Cristo, o que significa que devemos ser puros para um dia ir ao céu para viver com Cristo (Ef 5.22-32; 2Co 11.2). O apóstolo Pedro descreve a igreja de forma maravilhosa, usando principalmente as imagens do Antigo Testamento (1Pe 2:9-10):

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam.

A organização da igreja é muito simples. Cristo está no comando. Isto é evidente pelas várias metáforas usadas para descrever seu relacionamento com a igreja. Ele é o “Supremo Pastor” (1Pe 5.4), a “cabeça” (Ef 1.22-23; 4.4, 15-16; Cl 1.18, 24), a “pedra angular” (Ef 2.20) ou o “fundamento” (1Co 3.11). Nos dias do Novo Testamento, as congregações locais foram supervisionadas por presbíteros, também conhecidos como bispos e pastores (1Tm 3.1-7; Tt 1.5-9; 1Pe 5.1-4; Fp 1.1; At 20.28; Ef 4.11; 1Ts 5.12; Hb 13.17). Os presbíteros cuidavam da congregação da qual faziam parte. Não

havia presbítero ou bispo que presidia várias congregações. As congregações eram todas obrigadas a obedecer a Cristo e aos apóstolos, mas nenhuma congregação tinha autoridade sobre outra. Ajudaram os presbíteros no seu trabalho alguns que eram ordenados como diáconos ou servos da igreja (1Tm 3.8-13; Fp 1.1). Também, Cristo queria que a igreja fosse unida. A unidade é um alvo desejável porque traz à nossa obra uma eficiência maior e honra ao nome de nosso Senhor (Jo 13.34; 17.20-21; Rm 12.16; 15.5; 1Co 1.10; 3.3; 2Co 13.11; Ef 4.3; Fp 2.2).

Como fazer parte da igreja? Se você já foi batizado de forma bíblica, já fez parte quando foi batizado “em” (para dentro de) Cristo. Visto que a igreja é o “corpo de Cristo”, assim você está na igreja porque está em Cristo (Gl 3.27; Rm 6.3). Deve, então, afiliar-se a uma congregação de fiéis. Precisa do apoio mútuo e incentivo de outros cristãos (Hb 3.13; 10.24-25). É difícil viver a vida cristã como pessoa solitária. Esta é uma das razões porque Jesus veio não somente para salvar indivíduos, mas também para edificar a igreja.

Deve-se notar alguns erros relacionados à doutrina da igreja. Embora o apóstolo Pedro fosse essencial no estabelecimento da igreja após a ressurreição de Jesus, nunca lhe foi dado o governo sobre a igreja. Pedro pregou o evangelho e converteu pessoas (At 2.14-47; 10.1-48). Escreveu duas epístolas do Novo Testamento e atuou como pastor para muitos fiéis no primeiro século (1Pe 5.1; Jo 21.15-17). Contudo, quaisquer direitos e privilégios dados a ele (Mt 16.17-19) também foram dados aos outros apóstolos (Mt 18.1, 18; Jo 20.23). Pedro e todos os apóstolos faziam parte do fundamento da igreja na função de primeiros pregadores e testemunhas oculares da ressurreição de Jesus Cristo (Ef 2.20; 1Co 12.28; Ap 21.14), mas a igreja é edificada principalmente sobre Jesus Cristo (Ef 2.20; 1Pe 2.6-8). Paulo escreveu: “Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3.11). Nada está escrito no Novo Testamento sobre o governo de Pedro sobre a igreja como papa e nada está escrito sobre sucessores a ele em posição alguma. O próprio Pedro recusou-se a ser adorado quando estava vivo (At 10.25-26) e numa ocasião foi corrigido por outros pelos seus erros (Gl 2.11-14). Ele não tinha autoridade própria para resolver disputas (At 15.1-30). Portanto, a veneração, exaltação e poder dados a Pedro e seus supostos sucessores como papas em Roma são um insulto à posição que deve ser de Cristo na igreja.

A igreja é composta de um sacerdócio de todos os fiéis (1Pe 2.9; Ap 1.6; 5.10). Todos os cristãos podem se aproximar do trono de Deus em oração e em adoração (Hb 10.19-22; Rm 5.1-2; Ef 2.18; 3.12; 1Jo 2.1-2), pela mediação de Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote (1Tm 2.5; Hb 2.14-18; 4.14-5.10; 7.1-10.39). Não temos de depender de um mediador humano ou sacerdote a fim de receber o perdão e a salvação da parte de Deus. Não é necessário procurar um sacerdote para confessar o pecado. Pode-se fazer a confissão do pecado a qualquer cristão e, mais importante, a Deus na

oração (Tg 5.16; 1Jo 1.9). Ademais, nenhum ser humano tem o poder ou direito de absolver ou perdoar todo o pecado de qualquer um. Ninguém toma a posição de Deus, com o poder de salvar ou condenar nas mãos. Como seres humanos, temos o poder de ensinar a verdade ou de retê-la, ações estas que podem influenciá-la na salvação (At 13.38-39; Mt 18.5-6, 18; 23.13; Lc 11.52), mas Deus é o juiz absoluto que perdoa ou condena.

Outro erro que muita gente religiosa pratica é a veneração e adoração de Maria, a mãe de Jesus. Maria era uma boa mulher judia, escolhida “entre as mulheres” (Lc 1.39-43), mas a Bíblia fala pouco sobre a sua vida. Na morte de Jesus ela foi confiada aos cuidados de João, o apóstolo (Jo 19.25-27). Ela cria em Jesus como o Messias, como também criam os irmãos dele (At 1.14). Na Bíblia nunca ninguém dirigiu oração a ela. Ela não tinha poderes miraculosos. Não permaneceu virgem depois do nascimento de Jesus (Mt 1.24-25; 13.54-56; Mc 6.3; Lc 2.7). Ela era bom exemplo de pessoa humilde e submissa a Deus e de alguém que cria em Jesus (Lc 1.38), mas ela não era divina. Ela não é nem nossa salvadora nem nossa mediadora, e não devemos direcionar orações a ela. A veneração de Maria é uma usurpação do lugar que Jesus Cristo deve ter em nossa devoção e também é um insulto ao seu senhorio (Cl 1.15-20; Rm 8.34; 1Tm 2.5; 1Jo 2.1-2).

## 18. Serviço e evangelismo

Já que a igreja é o corpo de Cristo, o trabalho da igreja é o de continuar a missão de Cristo no mundo. Como nação de sacerdotes, trabalhamos para servir a Deus (Hb 9.14; 1Pe 2.5, 9). Enquanto alguns são ordenados para tarefas especiais, como presbíteros, diáconos ou mestres, todos os cristãos devem ser servos ou ministros na obra do Senhor (Ef 4.11-13; Mt 20.26-28; 25.44-45; Rm 16.1-2). Nosso trabalho deve servir a Deus e ao ser humano. Nosso serviço a Deus na adoração será tratado na próxima seção.

Notemos a missão dupla da igreja: servir à própria igreja e ao mundo. Primeiro, a igreja deve servir seus próprios membros, edificando-os e ajudando-os a crescer espiritualmente e a manter-se salvos (Ef 4.11-13; Cl 1.28). Alguns dentro da igreja são mestres ou pregadores que ajudam os outros a crescer espiritualmente, ensinando-os mais a respeito da verdade (Ef 4.11; 1Tm 4.11-16; 2Tm 2.2; 3.10-4.5). Os cristãos devem ajudar nas necessidades físicas de outros cristãos (At 11.29; Gl 6.10; 2Co 8.1-9.15; 1Jo 3.17-18). Ao servirmos uns aos outros, seguimos o exemplo de Jesus (Mt 20.28; Fp 2.7-8). A maioria dos cristãos gosta da comunhão uns com os outros e forma amizades estreitas dentro da igreja. Como família, a igreja às vezes tem de disciplinar seus próprios membros na esperança de trazer o desviado de volta ao arrependimento e para impedir que o pecado espalhe mais (1Tm 1.20; 1Co 5.1-13; Mt 18.15-17; 2Jo 10-11; 2Ts 3.14-15; Tt 3.10-11).

Segundo, a missão da igreja é direcionada ao mundo. Os cristãos vivem no mundo mas não devem viver como o mundo (Jo 8.23; 15.19; 17.15-18), da mesma forma que um barco na água continua flutuando desde que não entre água nele. Os cristãos não devem participar dos pecados do mundo (2Co 6.14-17). Nossas vidas devem ser uma luz brilhante para o mundo, demonstrando a maneira correta de viver (Mt 5.13-16; 1Pe 2.12; 3.15-16; Fp 2.15). Os cristãos são o exército de Deus neste mundo na luta contra o mal e o pecado (2Co 10.3-5; Ef 6.10-17). Não lançamos mão da violência ou de meios pecaminosos. Ao invés disso, usamos a persuasão, o bom exemplo e a proclamação da verdade a fim de evangelizar o mundo (Mt 28.19-20; 1Co 9.16). Como Paulo disse de forma tão eloquente: “Deus (...) nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus” (2Co 5.18-20).

É muito popular ao não cristão debochar os fracassos da igreja. Uma vez que a igreja é composta de seres humanos falíveis que cometem erros, a própria igreja não é perfeita. Os cristãos sabem que não são perfeitos, mas também sabem que Jesus Cristo é perfeito. É para ele que as pessoas devem olhar ao julgarem o cristianismo. Mesmo levando em conta os muitos erros cometidos pelos cristãos, uma avaliação justa da evidência mostrará que a igreja tem feito muito mais bem do que mal ao longo do tempo. Muito do mal atribuído à igreja foi feito em nome de Cristo, mas foi feito por uma igreja falsa ou por um não cristão. Tais pessoas usaram o nome de Cristo como fachada para tentar justificar alguma ação ímpia. Os verdadeiros fiéis em Cristo têm feito um bem imensurável e incontável no mundo através da oração, da benevolência, do apoio aos valores familiares, do ensino, das obras de caridade e de outras boas obras. A igreja é composta das melhores pessoas do mundo. Embora todo cristão e toda congregação tenham espaço ainda para melhorar, a igreja tem sido qual cidade numa colina, como um farol de luz para guiar as pessoas para o céu (Mt 5.14-16).

## 19. Adoração

A obra da igreja não apenas se direciona para ela própria e para o mundo, mas também para Deus, na adoração. Que é adoração? Esta pode ser definida de forma abrangente como tudo o que fazemos para servir ao nosso Deus (Rm 12.1-2). O que devemos aprender desta verdade é que toda a nossa vida deve ser vivida para Deus (Cl 3.17). Não devemos dar uma ou duas horas por semana adorando a Deus para depois esquecermo-nos dele e vivermos para nós mesmos durante o resto da semana. Tudo o que fazemos deve ser feito de tal modo a sermos agradáveis a Deus e obedientes à sua vontade.

Este sentido mais abrangente e geral, porém, não é o foco principal desta seção.

Uma definição mais limitada da adoração é “reverência e louvor prestados a um ser considerado como divino”. A adoração atribui valor a Deus. Uma palavra grega frequentemente traduzida como “adoração” no Novo Testamento significa “(prostrar-se e) adorar, prostrar-se perante, reverenciar, receber respeitosamente” (*Léxico* 179; Mt 2.2, 8, 11; 4.9-10; Jo 4.23-24; 1Co 14.25; Ap 4.10; 5.14). A adoração significa louvar e honrar a Deus pela sua grande glória. Estude o ambiente presente no céu perante o trono de Deus para ter uma idéia do que é envolvido na adoração (Ap 4.1-5.14; Is 6.1-5; 56.7; Mt 21.13). Mas não pense que Deus seja um Deus egoísta e vaidoso, que queira que o adoremos o tempo todo para encher seu ego (At 17.24-25; Sl 50.10-12). Deus nos ordena a adorá-lo, porque é para nosso benefício. Precisamos da adoração a fim de cumprir a nossa natureza como seres espirituais. Quando adoramos a Deus, incentivamos uns aos outros e ajudamo-nos a nós mesmos.

Por ser Deus onipotente, a adoração cristã pode se realizar em qualquer lugar. Não é necessário estar num lugar sagrado ou numa construção especial para adorar a Deus (Jo 4.19-24). As pessoas podem adorar em locais alugados, em casas, ao ar livre em ambiente natural ou numa construção de propriedade duma congregação (Rm 16.5; 1Co 16.19; Cl 4.15; At 2.46; 5.42; 16.13; 20.7-8). A adoração cristã não é determinada por adornos exteriores, mas pela devoção interior que sentimos no coração por Deus. É por isso que uma vida pura e um coração sincero sejam essenciais para a adoração aceitável (Sl 15.1-5; 24.3-4; Mt 5.8). Deus é um ser espiritual; assim, a nossa adoração tem de fluir do nosso coração. Jesus declarou: “Deus é espírito e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24). Se você é cristão e não consegue encontrar uma igreja por perto que seja leal à verdade, você pode adorar a Deus na sua casa com sua família e seus amigos.

A igreja antiga se reunia no primeiro dia da semana, no domingo, a fim de adorar (At 20.5-7; 1Co 16.1-2). Os judeus adoravam no sétimo dia de semana, no sábado, mas os cristãos não continuaram esse costume. Por Jesus ter sido ressuscitado no primeiro dia da semana, este dia ficou sendo conhecido como o dia do Senhor e foi o dia em que os cristãos se reuniam para adorar (Ap 1.10; Mt 28.1; Mc 16.1-2). É claro que não há nada de errado quando cristãos realizam a maioria das funções da adoração em qualquer momento. Ajudará o crescimento espiritual dedicando tempo sozinho durante a semana para a leitura da Bíblia e a oração a Deus (Mt 6.6). Muitos cristãos gostam de se reunir em casas ou outros locais durante a semana para cantar hinos cristãos, orar a Deus e beneficiar-se da boa comunhão cristã (At 2.46; 5.42). Encontre-se com outros cristãos tanto quanto deseja, mas tenha certeza de desenvolver o hábito de reunir-se com outros cristãos todo domingo para adorar, a não ser que seja impedido de fazê-lo por causa de um obstáculo como a doença (Hb 10.25). Você precisa do incentivo e apoio regulares advindos da adoração e comunhão com outros fiéis.

Nem tudo o que fazem os cristãos na assembleia dominical é adoração no sentido estrito de mostrar reverência à Deidade. Outro propósito da assembleia é incentivar e ensinar uns aos outros (1Tm 4.13; 1Co 14.19, 26). Os cristãos cantam na adoração. Alguns dos cânticos devem ser hinos de louvor e adoração a Deus e a Cristo, mas outros podem ser cânticos pelos quais ensinamos e encorajamos uns aos outros (Ef 5.19-20; Cl 3.16; At 16.25; 1Co 14.15). A leitura da Bíblia é uma prática comum da adoração cristã, leitura da qual se pode beneficiar grandemente (Ap 1.3; 1Tm 4.13; 1Ts 5.27). O ensino, a exortação e a instrução, baseados na Bíblia, são outras práticas comuns da adoração cristã e muito importantes para o crescimento cristão (1Tm 4.13-16; 5.17; 2Tm 2.1-2; 3.10, 16; At 20.20-21; Tg 3.1). A assembleia é também um momento para a comunhão, para estar com outros cristãos e para partilhar a nossa devoção comum (Rm 12.3-8, 15; 16.16; 1Co 16.20; 1Jo 1.3-4).

A igreja geralmente tem uma tesouraria usada para a obra de caridade, para apoiar seus obreiros e para uma variedade de outras necessidades (Rm 12.13; 15.25-27; 1Co 9.1-14; 2Co 8.1-9.15; Hb 13.1-3; 1Tm 5.3-18; Tg 1.27). O domingo é momento conveniente para os cristãos ofertarem a Deus na tesouraria da igreja (1Co 16.2). Fazendo assim, mostramos nossa unidade e comunhão uns com os outros. De fato, a palavra grega para “associação, comunhão, fraternidade, relacionamento íntimo” é usada em referência à oferta para a obra da igreja, que é “generosidade, sentimento, participação” como um “sinal de comunhão ou prova de unidade fraternal” (*BAGD* 438-39; *Léxico* 118; 2Co 8.4; 9.13; Rm 15.26; Hb 13.16). Os judeus tinham um sistema de dízimo, isto é, dar dez por cento. Os cristãos têm um sistema mais flexível de dar conforme a renda e a necessidade (1Co 16.1-2).

A oração é uma forma essencial da adoração, tanto pública quanto particular. Os cristãos creem que Deus existe, que ele ouve a oração, que ele ama a humanidade e que ele responde às orações. Deus nem sempre nos dá o que pedimos, especialmente quando não seja em nosso melhor interesse, mas podemos estar certos de que Deus deseja o melhor para nosso bem-estar espiritual (Rm 8.28). Toda pessoa deve desenvolver o hábito da oração regular (1Ts 5.17; Rm 12.12; Cl 4.2; Lc 18.1). Evite as coisas que atrapalham a sua vida de oração, tais como problemas no lar (1Pe 3.7), um espírito que não perdoa (Mt 6.14-15; Ef 4.32); a insinceridade, a falta de arrependimento (Sl 66.18; Is 1.15), o pecado não confessado (1Pe 3.12) ou uma falta de fé em Deus (Tg 1.6-8). Por outro lado, muitas coisas ajudarão a vida de oração, tais como uma boa vida moral (Sl 24.3-4), um espírito de obediência (1Jo 3.21-22); uma atitude reverente (Mt 6.9), a humildade, fé em Deus (Mt 21.22; Mc 11.24), a sinceridade (Mt 6.5-6; Sl 17.1) e um coração agradecido (Cl 4.2; Fp 4.6). Nosso Senhor é grande exemplo de alguém que orava (Jo 17.1-26; Mt 14.23; 26.36; Lc 5.16; 6.12; 9.28) e ele ensinou muito sobre a oração (Lc 11.5-13; 18.1-8), como também outros ensinaram a respeito (1Ts 5.16-25; 1Tm 2.1-8; Tg 5.13-18). Os discípulos queriam que Jesus os

ensinasse como orar e o Pai Nosso é uma oração modelo perfeita que esboça todos os itens principais em que se deve tocar na oração:

Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal (Mt 6.9-13; ver Lc 11.1-4).

A ceia do Senhor, ou a comunhão, é um memorial honrando Jesus Cristo. Foi instituído por Jesus ao celebrar sua última refeição pascal com os discípulos (Mt 26.17-30; Mc 14.22-24; Lc 22.14-23; 1Co 11.23-26). Ele pediu aos seus seguidores: “Façam isto em memória de mim” (1Co 11.24-25). O propósito da ceia do Senhor é lembrarnos da morte e da ressurreição de Jesus (1Co 11.24-26). Ela não deve se tornar uma festa ou banquete para encher o estômago (1Co 11.34). Seu propósito é meditação, autoexame e adoração (1Co 11.27-28). É momento de comunhão durante o qual podemos demonstrar a unidade com outros fiéis (1Co 10.16-17; 11.29-33). O pão e o fruto da videira são símbolos para nos lembrar do corpo e do sangue do nosso Senhor. O pão azmo, isto é, pão sem fermento, deve ser usado, porque o fermento é símbolo do pecado. Nosso Senhor estava sem pecado, como nosso sacrifício perfeito. Assim, o pão azmo nos lembra dele como um cordeiro sem defeito (1Co 5.7; Mc 14.1). Isto torna a ceia do Senhor um bom momento para renovar o nosso compromisso de vencer o pecado na nossa vida (1Co 11.27-32). O fruto da videira é o suco de uva que, pela sua cor e textura, nos lembra do sangue que Jesus derramou pelos nossos pecados. Os cristãos devem comer a ceia do Senhor todo primeiro dia da semana como expressão da unidade da igreja que se reúne todo domingo (1Co 10.16-17), como lembrança de que Jesus está vivo e presente, por causa da sua ressurreição (1Co 11.26). Devem comer a ceia no domingo, por ser o dia do Senhor, e em imitação da prática da igreja antiga (At 20.7; 1Co 16.1-2).

A celebração católica da ceia do Senhor é chamada “missa” e é ligada à doutrina falsa da transubstanciação. Esta doutrina ensina que o pão e o fruto da videira se tornam o corpo e o sangue de Jesus e que ele é sacrificado novamente durante esta cerimônia. Em contraste, o Novo Testamento ensina que o sofrimento e a morte de Jesus eram um evento único, eficaz por toda a humanidade (Hb 7.27; 9.12, 24-28; 10.10-14; Rm 6.9). Jesus não é sacrificado repetidamente. Ele falava em sentido metafórico quando disse em referência ao pão: “Tomem e comam; isto é o meu corpo”, e em referência ao cálice: “Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue” (Mt 26.26-28). Obviamente, ele não quis dizer que eram seu corpo real ou seu sangue, porque ele estava segurando o pão e o cálice nas suas mãos. Estas afirmações são figurativas, bem como muitas outras declarações semelhantes suas (Jo 10.7, 14; 15.5; Mt 5.13-

14). Ao invés da transubstanciação, os cristãos creem que Jesus é presente espiritualmente quando a igreja se reúne na adoração (Mt 18.20). O pão e o cálice são lembretes simbólicos da sua presença e do corpo e do sangue que ele ofereceu pelos nossos pecados na cruz do Calvário.

O Novo Testamento não estabelece nenhuma sequência para a condução da adoração. Foi dado aos homens o papel da liderança nas assembleias de adoração, da mesma forma que lhes foi dada a liderança no lar e na igreja em geral (Gn 1.26-27; 2.18; 3.16; 4.7; 1Co 11.2-16; 14.33b-36; Gl 3.28; Ef 5.21-33; Cl 3.18-19; 1Tm 2.1-15; 3.1-13; 1Pe 3.1-7).

Deve-se participar da adoração com atitude correta, de forma ordeira e conforme a verdade (Jo 4.24; 1Co 14.40). Se é feita de modo reverente, deve agradar a Deus uma reunião de adoração semelhante à seguinte: Quando vocês se reúnem com outros cristãos, poderiam começar com uma oração a Deus. Depois, seguiriam com cânticos e mais orações. Alguém poderia ler um capítulo da Bíblia para que todos ouçam. Se alguém é qualificado para ensinar, a instrução da Bíblia em forma de sermão é uma prática comum. A ceia do Senhor deve ser observada em algum momento e poderia ser acompanhada por mais orações e hinos. A assembleia é momento oportuno para fazer uma coleta, para ser usada para ajudar aos necessitados e para sustentar outras obras da igreja. Avisos de informações importantes poderiam ser partilhados com todos. Por exemplo, poderia tomar nota dos que estão doentes e orar por eles. A reunião poderia terminar com uma oração ou com um hino. A oração, o canto, a leitura bíblica, o ensino, a ceia do Senhor e a coleta são as formas tradicionais pelas quais os cristãos sempre têm conduzido suas assembleias.

## 20. O futuro

Pela perspectiva cristã a respeito da história, o mundo teve um começo, que chamamos da criação (Gn 1). O mundo também terá uma consumação, a qual ocorrerá na segunda vinda de Cristo. O mundo deixará de existir. Depois da segunda vinda de Cristo, todos devem aparecer perante Deus e Cristo em juízo. Do juízo, todos serão enviados ou ao céu ou ao inferno, por toda a eternidade. Deus é soberano e realiza a sua vontade na história. O alvo de todas as coisas neste mundo é a completa glorificação de Jesus Cristo como Senhor (Fp 2.9-11; Cl 1.16). A vida vem de Deus e a esperança da vida eterna é depositada totalmente nele (1Tm 6.16). Onde você se encaixa neste esquema divino? Você deve estar muito interessado no que o futuro oferece para seu destino (Sl 90.12; Tg 4.14; Mt 16.26).

Como somos todos seres humanos, temos todos de enfrentar a morte um dia. A Bíblia não ensina a reencarnação nem a transmigração das almas numa série de nascimentos, vidas e mortes. Morremos apenas uma vez (Hb 9.27). Somos mortais, mas, por sermos seres espirituais, uma parte de nós continua existindo após a morte

(2Co 5.1; 2Pe 1.13-14). Do ponto de vista espiritual, a morte é definida como o momento em que a alma, ou o espírito, sai do corpo (Tg 2.26). Tememos, naturalmente, a morte, mas o evangelho nos dá esperança e pode nos ajudar a vencer esse medo (Sl 39.5; Rm 7.24; Hb 2.15; 1Co 15.26; Fp 1.21-23). As Escrituras do Antigo Testamento não nos dizem muito sobre a vida após a morte. Foi deixado para Jesus e para as Escrituras do Novo Testamento uma explicação mais completa. Paulo disse que Jesus Cristo “trouxo à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho” (1Tm 1.10). E é por meio de Jesus Cristo que o agulhão da morte, que é o pecado, pode ser removido, dando-nos a vitória sobre a morte (1Co 15.54-57).

Qual é a condição da alma entre o momento da morte e o dia do juízo? Esta condição é chamada de o estado intermediário. Alguns pensam que a alma dorme durante este período e será acordada na segunda vinda de Cristo. A Bíblia usa, sim, o termo “dormir” para descrever os mortos, mas este termo apenas descreve a aparência do cadáver aos que estão vivos (1Ts 4.13). Alguém está dormindo no sentido de não estar mais ativo neste mundo material (Ap 14.13).

Outras passagens das Escrituras dão a entender que as almas dos mortos estão conscientes após a morte (2Co 5.8; Lc 16.19-31). As almas ou espíritos dos que já morreram vão para o *Sheol*, ou *Hades*. *Hades* é dividido em duas partes (Lc 16.26). A boa parte é chamada Paraíso e esta é a condição dos que são salvos (Lc 23.39-43; At 2.27). A má parte é chamada Tormento e esta é a condição dos que são perdidos (Lc 16.23).

Nosso destino eterno é selado no momento da morte. As Escrituras não revelam nenhuma segunda chance após a morte. Da mesma forma, as Escrituras nada dizem a respeito do purgatório, ou um fogo castigador, que a maioria dos cristãos teriam de suportar, a fim de serem purificados antes de entrarem no céu. Se você for um cristão fiel quando morrer, a expiação de Jesus Cristo pagará por todos os seus pecados (1Jo 1.6-10). A doutrina do purgatório estabelece, equivocadamente, um limite no perdão de Deus que está disponível por meio do sangue de Jesus.

O fim do mundo ocorrerá na segunda vinda de Jesus Cristo. Ninguém sabe quando a segunda vinda ocorrerá (Mt 24.44). O próprio Jesus disse não saber quando viria o fim, mas somente o Pai (Mt 24.36). Cuidado com os que estabelecem datas e afirmam poder ler os sinais e saber quando virá. Deus prometeu que Jesus voltará e ele sempre cumpre suas promessas. Mesmo que haja quem duvide, devemos continuar com fé. Alguns tentarão forçar Deus para se encaixar no seu calendário, mas Deus agirá conforme sua própria vontade (2Pe 3.1-14).

Não sabemos quando Jesus voltará; portanto, devemos estar sempre preparados (Mt 24.44). A doutrina da segunda vinda e do fim do mundo deve nos motivar a viver de modo santo. Como Pedro explicou: “Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa” (2Pe 3.11).

Já que a segunda vinda de Jesus Cristo significa salvação e um lar no céu para os cristãos, ela é descrita como nossa “bendita esperança” (Tt 2.13).

Quando Jesus voltar a este mundo, haverá uma ressurreição geral de toda a humanidade. Jesus disse: “está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz, e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados” (Jo 5.28-29). Aqueles que são mortos serão ressuscitados e os que são vivos ainda no momento da segunda vinda de Cristo se juntarão a eles para o dia do juízo, e depois entrarão na eternidade (1Ts 4.13-18). Quando nosso espírito, ou alma, for reunido com nosso corpo na ressurreição, ocorrerá uma transformação. Receberemos um novo corpo da ressurreição que nunca morrerá (1Co 15.35-57). Não conhecemos a natureza exata desta nova existência, mas sabemos que será como o corpo ressurreto de Jesus (1Jo 3.2).

Imediatamente após a segunda vinda de Cristo e o fim do mundo, haverá um juízo geral de toda a humanidade. Seremos julgados por Deus e por Cristo (Jo 5.22, 27; At 17.30-31; Rm 14.10; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; Hb 12.23). Deus nos julgará conforme o que fizemos nesta vida, pelo padrão da sua palavra (Ap 20.12; Jo 12.48; Rm 2.6, 16). Haverá uma grande separação da humanidade, entre os salvos e os perdidos (Mt 25.31-46). Aos salvos será dito: “Venham, benditos do meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25.34). Aos perdidos será dito: “apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos” (Mt 25.41). O dia do juízo não é um evento temeroso para o fiel em Cristo, pois seremos recompensados naquele dia, ao invés de sermos condenados (Rm 8.1; Mc 9.41; Lc 6.35).

“Céu” é o nome que os cristãos usam para se referir ao estado de alegria eterna que Deus concederá aos seus filhos. O céu é tão maravilhoso, e as limitações da língua e pensamento humanos são tão grandes, que a Bíblia usa, frequentemente, linguagem simbólica e figurativa para descrevê-lo (Ap 21.1-22.5). O céu é um lugar maravilhoso porque significa que estaremos com o Senhor Jesus Cristo (Jo 14.1-3; Fp 1.23; 1Ts 4.16-17). É semelhante a uma grande festa ou banquete (Mt 22.1-14; Ap 19.9). O apóstolo João viu esta visão do céu:

“Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor (...)”

Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações. Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus

servos o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas. Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão para todo o sempre (Ap 21.3-4; 22.1-5).

“Inferno” é o termo que os cristãos usam para descrever o estado de perda eterna para todos os que não são fiéis a Jesus Cristo. O termo “inferno” originalmente se referia a um lixão fora da cidade de Jerusalém. Era lugar onde o lixo se queimava constantemente. Era lugar de fumaça, fogo, imundície, fedor e corrupção. Serve como retrato forte para nos lembrar que não queremos ir para o inferno.

As descrições bíblicas do inferno são, frequentemente, figurativas ou metafóricas, como são as do céu. O inferno é lugar de escuridão, porque significa separação de Deus (Mt 25.30; 2Pe 2.4; Jd 13). É lugar de fumaça e fogo (Mt 13.42; 25.41; Mc 9.48; Ap 20.10-15) e de dor (Mt 25.30; Ap 14.11). Uma vez que alguém é condenado ao inferno, não há saída. A perda é permanente e não há esperança (Mt 25.10, 46; Ap 14.11). É fácil entender porque Jesus alertava as pessoas sobre o inferno (Lc 12.4-5; 13.28; Mt 5.29-30; 10.28).

Cuidado com certas doutrinas como o premilenismo ou o dispensacionalismo. Os que são a favor destas doutrinas frequentemente estabelecem datas para a segunda vinda de Cristo ou para o fim do mundo. Falam de um arrebatamento e um reino de 1.000 anos de Cristo na terra, mas não haverá nenhum arrebatamento secreto quando os santos desapareceriam de repente. Tampouco haverá um retorno de Cristo para reinar na terra por 1.000 anos. Quando Cristo voltar, todos serão ressurretos e seguirão o dia do juízo e a eternidade, ao invés de um reinado terreno de Cristo (Jo 5.28-29; 1Ts 4.13-17; Hb 9.28; Ap 1.7; 1Co 15.23-24).

Os premilenistas cometem dois erros chaves ao interpretarem a Bíblia. Primeiro, pensam do reino de Deus e do reino de Jesus como um reinado materialista no mundo. Mas o reino/reinado de Jesus é presente agora como um reinado espiritual (Jo 18.36; Rm 14.17). Jesus já é Rei dos reis e o reino de Deus já existe (Mt 3.2; 11.12; 12.26-28; Mc 9.1; Lc 1.32-33; 16.16; At 2.29-33; 7.56; Ef 1.20; Cl 1.13; Hb 2.9; 12.28; Ap 1.6, 9; 11.15).

Segundo, eles tomam muitas passagens das Escrituras que já foram cumpridas e afirmam que ainda vão ser cumpridas nos eventos hodiernos em Israel. A maioria das passagens às quais dirigem a atenção já foi cumprida, ou na volta de Israel do cativeiro babilônio ou na destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. (Mt 24.1-28; Mc 13.1-23; Lc 21.5-36).

Geralmente, os premilenistas afirmam que o livro de Apocalipse prediz eventos que ainda não tenham ocorrido, mas quase todo o livro de Apocalipse já se cumpriu. Seu tema principal é a perseguição da igreja antiga pelo império romano (Ap 17.1-2, 15-18), porque os cristãos recusavam a adorar ídolos ou o imperador romano (Ap 1.9;

2.10, 13; 6.9-11; 7.9, 13-14; 9.20-21; 12.17; 13.5-6, 15-17; 14.9-13; 16.2, 5-6; 17.6; 18.24; 19.2, 20; 20.4).

## 21. A Trindade

O termo “trindade” não é usado na Bíblia, mas tem sido usado frequentemente por cristãos para descrever seu entendimento da doutrina de Deus. Os cristãos são mono-teístas, isto é, creem que há apenas um só Deus verdadeiro.

Algumas pessoas no mundo são politeístas e creem que existam vários, até milhares, ou até milhões, de deuses. Mas os cristãos, junto com os judeus, creem em um só Deus (Dt 6.4; Mc 12.29; 1Co 8.4; Tg 2.19).

Conhecemos este Deus de três maneiras, como Pai, Filho e Espírito Santo. Há uma distinção entre esses três, mas há também uma unidade entre eles. Já estudamos que Jesus Cristo é Deus, isto é, deidade ou divino (Jo 1.1; 20.28; Fp 2.6). Por ele ser Deus, ele é digno de nossa adoração (Ap 5.1-14). O mesmo é verdade sobre o Pai e o Espírito Santo.

O Pai é Deus, isto é, deidade ou divino (1Co 8.6, Gl 1.1, Ef 4.6, 1Pe 1.2, Jo 6.27). Quando o termo “Deus” é usado na Bíblia sem mais definição, frequentemente é usado em referência ao Pai.

Deus é grande no seu ser e caráter. Os seguintes são apenas alguns poucos dos atributos de Deus Pai. Ele é autodependente (Is 40.13-14; Sl 50.12; At 17.25), eterno (Sl 90.2-4; Dt 32.40; Tg 1.17), um ser espiritual (Jo 4.24; Dt 4.15; At 17.29), onipotente (Is 14.27; Sl 2.4), onisciente (Sl 147.5) e onipresente (Jr 23.23-24; Sl 139.7-12). Deus Pai é amoroso (1Jo 4.8; Sl 118.1-29; Rm 8.35-39), santo (Is 6.3-5; Sl 99.9; Ap 15.4), misericordioso (Dt 4.31; Sl 145.8) e justo (Is 5.16; Sl 11.7). Deus é grande, majestoso, impressionante e muitíssimo digno de nossa adoração e devoção (Ap 4.1-11; Mt 4.10; Lc 4.8; Dt 6.13).

O Espírito Santo também é Deus, isto é, deidade ou divino. Note que, em Atos 5.3-4, Ananias mentiu para o “Espírito Santo” e para “Deus” (compare 1Co 3.16-17; 6.19-20). Isso porque o Espírito Santo é Deus.

O Espírito Santo possui os atributos de Deus (Rm 8.2; Jo 16.13; He 9.14; Sl 139.7). Ele faz obras que somente Deus pode fazer (Gn 1.2; Sl 104.30; Jo 3.8; 16.8; Rm 8.11; 2Pe 1.21), é colocado como igual a Deus (Mt 28.19, 2Co 13.13) e recebe honra e adoração dignas somente de Deus (1Co 3.16). Não se refira ao Espírito como uma “coisa”, como se fosse uma força impessoal. O Espírito Santo é uma pessoa. A ele pode-se mentir (At 5.3-4). Ele pode ser entristecido (Ef 4.30).

O Espírito Santo habita dentro dos cristãos para nos santificar e fortalecer (At 2.38; 5.32; Rm 8.9-16, 26; 1Co 3.16-17; 6.11, 19-20; 12.13; 2Co 1.22; 5.5; Gl 4.6; Ef 1.13; 3.14-16; Tt 3.5; 1Jo 4.13; Jd 19). O Espírito Santo testifica de Jesus e intercede a nos- so favor (Rm 8.26-27).

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos Deus, todos iguais aos outros e unidos como um (Jo 10.30; 15.26; Mt 28.19; 1Pe 1.2; 1Co 12.4-6). Paulo os considera juntos: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês” (2Co 13.14).

A doutrina da trindade exclui os extremos de um monismo absoluto e do politeísmo. Os cristãos não creem que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam os mesmos, sem haver distinção entre eles. Tampouco creem que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três deuses diferentes.

Há espaço entre estes dois extremos? Tentar entender Deus completamente extrapola nossa capacidade humana finita de raciocinar e os limites da linguagem humana. Deus é infinito. A compreensão completa de Deus ultrapassa nossa capacidade.

Um elemento de mistério permanece na doutrina da Trindade, mesmo depois que os maiores estudiosos do mundo tentaram entendê-la durante os últimos dois mil anos. O que podemos dizer é que conhecemos o único Deus como Pai, Filho e Espírito Santo.

## 22. O Espírito Santo e milagres

Deus realizou muitos milagres nos dias da Bíblia por meio de seus servos pelo poder do Espírito Santo. O principal propósito dos milagres foi a confirmação da palavra de Deus (Mt 9.4-5; 12.28-29; Mc 2.10-11; 16.17-20; Lc 5.24; Jo 21.24-25; At 2.32-33; 2Co 12.12). Em referência à grande salvação que Deus ofereceu à humanidade, o escritor aos Hebreus afirmou:

“Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos de acordo com a sua vontade” (Hb 2.3-4).

Uma vez que a revelação de Deus em Cristo tinha sido plenamente conhecida, os milagres cumpriram seu propósito principal. Durante o primeiro século tornou-se evidente um declínio nos eventos miraculosos. No segundo século, os milagres já não estavam sendo realizados.

As alegações de milagres modernos por pessoas religiosas – cristãs e não cristãs – são fracas em comparação com os genuínos milagres da época do Novo Testamento. Às vezes, a alegação de um milagre moderno é apenas uma cura psicossomática. Outras alegações modernas de milagres podem ser facilmente explicadas como ocorrências naturais.

Por exemplo, a moderna alegação de falar em línguas não é relacionada ao dom do Novo Testamento. Falar em línguas no Novo Testamento era o falar uma língua estrangeira que nunca se tinha estudado (At 2.6, 8). O falar em línguas moderno nada mais

é do que um blá-blá-blá infantil que, dizem os linguistas, não é um idioma verdadeiro. Os psicólogos o explicam por traços de personalidade muitas vezes característicos duma religião pentecostal e carismática.

Muitas alegações modernas de realizar milagres são resultado de engano e fraude por pessoas inescrupulosas. Elas aproveitam da ingenuidade das pessoas e dos desejos desesperados de indivíduos aleijados ou muito doentes. Numerosas investigações por cientistas imparciais deixaram de descobrir um verdadeiro operador de milagre no mundo de hoje. Ao mesmo tempo, muitos falsos curandeiros foram desmascarados. Nenhuma pessoa hoje tem o poder de realizar milagres, curar os enfermos, falar em línguas ou levantar os mortos.

Não era o plano de Deus continuar com os milagres durante todas as épocas. Os milagres tinham o propósito de confirmar a palavra (pregação) e ajudar a iniciar seu projeto de redenção. Uma vez que isso foi feito, Deus não quis que as pessoas dependessem de uma muleta a fim de crer. Queria que as pessoas andassem por fé, não por vista (2Co 5.7). Uma vez que a igreja tinha a mensagem confirmada e uma vez que foi escrito um registro permanente e confiável desta mensagem, isto é, as Escrituras do Novo Testamento, Deus deixou que os milagres diminuíssem e cessassem completamente.

Este processo permitiu que a igreja se tornasse inteira e madura, agindo como adulto andando pela fé, ao invés de ser uma criança precisando de um milagre como prova. Paulo se referiu a isso como a vinda do “completo” ou “perfeito” (1Co 13.8-13; ver Ef 4.11-16).

Pedir hoje por milagres é voltar ao estado infantil (Mt 12.38-39; 1Co 13.11). Mesmo quando os dons miraculosos estavam presentes na igreja do Novo Testamento, Paulo notou sua importância menor e enfatizou o maior significado do amor em nossas vidas (1Co 12.29-13.13). O que deveria permanecer durante a era cristã eram a fé, a esperança e o amor, como Paulo explicou nesta passagem: “Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor” (1Co 13.13; ver Mt 22.36-40).

## 23. As Escrituras Sagradas

Os documentos que compõem as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, a Bíblia, são considerados como autoridade pelos cristãos. Estes são o mais alto tribunal ao qual se pode dirigir para responder qualquer questão religiosa. A Bíblia nos revela a vontade de Deus e registra como Deus tem agido na História pela salvação da humanidade (Sl 119.105).

Os autores das Escrituras foram ajudados pelo Espírito Santo em suas composições, de modo que a Bíblia não é um livro qualquer. É inspirada, quer dizer, viva com o Espírito Santo, e pode conduzir à vida eterna (Hb 4.12). A fonte ou origem das Es-

crituras é o próprio Deus. Estes escritos não são apenas as opiniões ou interpretações dos autores (2Pe 1.20-21). Como disse Paulo:

Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2Tm 3.16-17).

Livros além da Bíblia podem ser estudados, ou para nosso benefício, ou para nosso prejuízo. Significa salvação, porém, estudar a Bíblia, crer nela e obedecê-la (Tg 1.21; 2Tm 3.15; 1Pe 1.22-25; Jo 20.30-31).

A Bíblia é uma coleção de 66 escritos diferentes, de tamanhos variados, por mais de 40 autores, escritos durante um período de mais de 1.500 anos. A Bíblia se divide em duas partes: o Antigo Testamento, e o Novo. O Antigo Testamento foi escrito durante a dispensação (período) da lei de Moisés. Contém instruções para a vida e adoração dos israelitas, bem como história, poesia, cânticos de adoração, ditos sábios e proclamações proféticas. Os cristãos creem nas Escrituras do Antigo Testamento como revelação inspirada da vontade de Deus (2Tm 3.16; 2Pe 1.21; Jo 10.35), mas não seguimos todos os mandamentos religiosos nelas encontrados. Estes mandamentos foram dados aos israelitas no período mosaico (Dt 5.1-2; Ez 20.10-12). Jesus Cristo inaugurou uma nova era (Mt 5.7; Cl 2.14; Ef 2.15; Rm 6.14; 7.4; 10.4). O Antigo Testamento serviu para preparar para o Novo e os cristãos vivem sob a nova aliança (Gl 3.23-26; Hb 7.12; 8.1-13; 10.1-10; Cl 2.14). Por exemplo, os cristãos não oferecem sacrifícios de animais, porque Cristo foi o nosso sacrifício de uma vez por todas.

Mesmo que os cristãos não estejam obrigados a praticar a lei de Moisés, há muitas razões para estudar os escritos do Antigo Testamento. No primeiro século, a igreja fez uso deles na pregação, os citou e os estudou (At 2.14-36; 8.31-35; 17.2-3, 11; 18.28; 28.23). Paulo afirmou que o Antigo Testamento foi útil e proveitoso para os cristãos (1Co 10.11; Rm 15.4). Muitos princípios têm nele sua origem. Boas e más qualidades são demonstradas na vida dos personagens do Antigo Testamento. Serve de registro histórico importante. Explica muitas coisas no Novo Testamento e testifica a respeito de Jesus Cristo. Estude você os livros do Antigo Testamento para aprender grandes verdades a respeito do caráter de Deus e sobre como ter uma vida boa e moral. Tenha cuidado, porém, de não seguir os deveres religiosos do Antigo Testamento, os quais se destinaram apenas aos israelitas (Gl 5.4).

Os escritos do Novo Testamento são essenciais, porque narram a história de Jesus e da igreja nos seus primeiros anos. O significado da revelação de Deus em Jesus Cristo é explicado nas Escrituras do Novo Testamento. Este contém documentos que desfrutaram de posição histórica única, porque foram escritos por homens que eram testemunhas oculares da vida, milagres, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Muitos livros do Novo Testamento foram escritos pelos apóstolos, escolhidos especialmente

por Jesus (Rm 1.1; Gl 1.1; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1). Ao ler a Bíblia, recomenda-se que se comece a partir dos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas, João) e, depois, leia o resto do Novo Testamento, antes de ler o Antigo.

## 24. Resumo dos livros da Bíblia

### Antigo Testamento

Gênesis	A história do início do mundo, a raça humana e os primeiros tratos de Deus com a humanidade durante a era patriarcal. Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento são chamados de "Pentateuco".
Êxodo	A libertação de Israel da escravidão do Egito.
Levítico	Leis cerimoniais, rituais e morais para Israel.
Números	Um registro das andanças de Israel no deserto.
Deuteronômio	A aliança da lei entre Deus e Israel.
Josué	A conquista e divisão da terra prometida pelas tribos de Israel.
Juízes	A história de Israel antes da monarquia.
Rute	A história da bisavó do rei Davi.
1 Samuel	A vida de Samuel, Saul e Davi.
2 Samuel	Mais sobre a vida de Davi, o segundo rei de Israel.
1 Reis	A vida de Salomão e de outros reis, e parte da vida do profeta Elias.
2 Reis	Elias e Eliseu e as histórias dos reinos de Israel e Judá até o cativeiro babilônico.
1 Crônicas	Genealogias, e segunda narrativa do reinado de Davi.
2 Crônicas	Segunda narrativa do reinado de Salomão e outros reis até o cativeiro babilônico.
Esdras	A volta dos israelitas da Babilônia, a reconstrução do templo e o trabalho de Esdras.
Neemias	A reconstrução das muralhas de Jerusalém sob a liderança de Neemias.
Ester	A salvação dos judeus por Ester no período persa.
Jó	A discussão dramática da justiça de Deus, quando ele permite o sofrimento de um justo.
Salmos	Uma coleção de cânticos e orações dos israelitas.
Provérbios	Uma coleção de ditos sábios, muitos por Salomão.
Cantares	Um poema de amor.
Isaías	Oráculos proféticos sobre o reino soberano de Deus e a esperança messiânica. Este livro e os a seguir são os escritos proféticos.
Jeremias	Proclamações proféticas, especialmente sobre a queda de Judá à Babilônia.

## 50 📖 Resumo dos livros da Bíblia

Lamentações	Uma lamentação sobre a queda de Jerusalém perante a Babilônia.
Ezequiel	Uma visão profética da Babilônia a respeito da queda de Judá e sua eventual restauração.
Daniel	Alguns eventos durante o cativeiro babilônico e uma afirmação do controle de Deus sobre a História.
Oséias	A infidelidade de Israel e o amor de Deus, contados parcialmente no casamento de Oséias a Gômer.
Joel	Um chamado ao arrependimento depois de uma praga de gafanhotos.
Amós	Um chamado para a justiça social em Israel.
Obadias	Edom condenado por ter se alegrado no infortúnio de Israel.
Jonas	Um profeta relutante prega à cidade de Níneve.
Miquéias	Denúncia da injustiça e ritualismo vazio, e uma explicação da verdadeira religião.
Naum	Uma declaração da soberania de Deus como vista em seu juízo sobre Níneve.
Habacuque	Fé na justiça de Deus desafiada pela opressão dos pobres e pela prosperidade dos ímpios.
Sofonias	O juízo de Deus sobre os pecados de Judá e de outras nações.
Ageu	Um incentivo aos judeus para reconstruir o templo.
Zacarias	A reconstrução do templo e a esperança messiânica.
Malaquias	Uma exortação para que o pecaminoso Israel se arrependa.

### Novo Testamento

Mateus	O primeiro dos quatro Evangelhos, os quais contam a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.
Marcos	O menor dos quatro Evangelhos, o qual enfatiza os feitos, ao invés dos ensinamentos, de Jesus.
Lucas	O Evangelho que mostra o amor universal de Jesus a todo tipo de pessoa.
João	O último Evangelho a ser escrito, com propósito de levar os leitores à fé em Jesus.
Atos	História dos primeiros anos da igreja enfatizando o trabalho dos apóstolos Pedro e Paulo.
Romanos	Uma das 13 epístolas (cartas) de Paulo esboçando o plano de salvação de Deus em Jesus Cristo.
1 Coríntios	Tentativa de corrigir problemas na igreja em Corinto.
2 Coríntios	Defesa de Paulo de si mesmo e seu apostolado.

Gálatas	Uma defesa da justificação pela fé contra tentativas de impor rituais judaicos na igreja.
Eféios	Explicação do eterno propósito de Deus em Cristo e na igreja.
Filipenses	A alegria do evangelho e a gratidão de Paulo.
Colossenses	Uma heresia antiga refutada pela proeminência e suficiência de Cristo.
1 Tessalonicenses	A segunda vinda de Cristo, a vida da igreja e o ministério de Paulo.
2 Tessalonicenses	Exortação para continuar trabalhando até a volta de Cristo.
1 Timóteo	Carta de incentivo a um jovem pregador encarando dificuldades e falsos mestres.
2 Timóteo	Outra carta de incentivo a Timóteo logo antes da morte de Paulo.
Tito	Orientação para outro jovem pregador.
Filemom	Tentativa de reconciliar um escravo fugido, recém-convertido, ao seu amo cristão.
Hebreus	A superioridade de Cristo como sumo sacerdote e do evangelho sobre o sistema do Antigo Testamento.
Tiago	Instrução prática para a vida diária em Cristo.
1 Pedro	Vida santa e compromisso à missão na presença de crescente perseguição.
2 Pedro	Problema com falsos mestres na igreja.
1 João	Reafirmação da igreja que enfrenta a falsa doutrina do gnosticismo.
2 João	A importância de amar aos fiéis enquanto se opõe aos falsos mestres.
3 João	Carta pessoal de agradecimento.
Judas	Aviso contra falsos mestres.
Apocalipse	Condenação figurativa do império romano pela perseguição da igreja nos seus primeiros dias, e uma profecia da queda de Roma e do fim do mundo.

## 25. Conclusão

O que é o cristianismo? Depois de tratar de uma variedade de tópicos, espera-se que a resposta fique clara. O cristianismo é a crença que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, o Cristo e o Senhor. É a convicção de que a suprema revelação do amor e da vontade de Deus é encontrada nele. Ser cristão significa que você “conhece Cristo” e torna-se “como ele”, até que Cristo “seja formado em você” e “vive” em você (Fp 3.10; Gl 2.20; 4.19; ver Ef 4.13). O cristão é aquele que “vive pela fé no Filho de Deus” (Gl 2.20). O conhecimento de Cristo é tão importante que tudo o mais no mundo é lixo em comparação (Fp 1.21; 3.7-9), porque Jesus Cristo é a única esperança para a salvação do mundo (At 4.12; Jo 14.6).

O significado de Jesus Cristo é bem resumido pelo escritor da carta aos Hebreus:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias nos falou por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas (Hb 1.1-3).

O apóstolo Paulo também escreveu um resumo magistral de quem é Jesus:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz (Cl 1.15-20).

A pequena palavra grega *dia* é traduzida, geralmente, pela palavra “por”. É usada frequentemente para um agente, isto é, alguém ou algo que fica entre o alcance e o não alcance de um objeto ou alvo. Note nas passagens seguintes como a graça, a verdade, a salvação, a vida, o perdão, a paz, a justificação, a justiça, a vitória sobre a morte e a reconciliação vêm todos “por” Jesus Cristo (Jo 1.17; 3.17; 10.9; 14.6; At 10.43; 13.38; 15.11; Rm 1.5; 5.1, 2, 9, 17-19, 21; 8.37; 1Co 15.57; 2Co 3.4; 5.18; Ef 1.5; 2.18; Fp 1.11; Cl 1.20; 1Ts 5.9; Hb 7.25; 1Jo 4.9).

O significado de Jesus é visto nos muitos nomes, títulos e termos descritivos que lhe são dados na Bíblia, entre os quais incluem Cristo (Mt 16.16), Deus (Jo 1.1; 20.28), Filho de Deus (Jo 3.16; 20.31; Rm 1.3), Emanuel (Mt 1.23), o Cordeiro de Deus (Jo 1.29), a luz do mundo (Jo 9.5), Salvador (Lc 2.11; Jo 4.42), a Palavra ou Verbo (Jo 1.1, 14), o Alfa e o Ômega (Ap 21.6), o bom pastor (Jo 10.11), o rei dos judeus (Mt 27.37), o Senhor (At 2.36), o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.16), o Senhor da glória (1Co 2.8), o Santo de Deus (Mc 1.24), a pedra angular (Ef 2.20), o fundamento (1Co 3.11), o Supremo Pastor (1Pe 5.4) e o Filho amado (Lc 3.22; 9.35).

Por estas razões, fazemos apelo ao leitor para que creia em Jesus Cristo e obedeça à sua vontade. Você tem tudo a ganhar e nada a perder.

Numa ocasião, várias pessoas abandonaram ao seguimento de Jesus. Ele virou aos discípulos que ficavam e lhes perguntou: “Vocês também não querem ir?” Simão Pe-

dro respondeu: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus” (Jo 6.66-69).

Por que foi escrito esse livro? Para usar as palavras de João, foi escrito “para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20.30-31).